

ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL



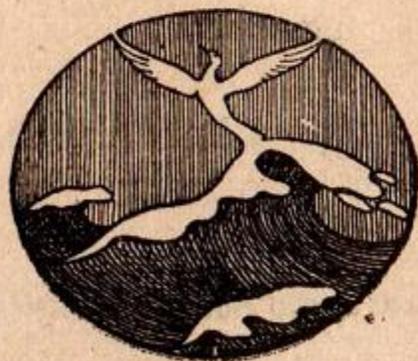
ANO II

Nº 14

ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO.
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL

SOB O ALTO PATROCINIO DE S. EX.^{AS}
OS MINISTROS DAS RELAÇÕES EXTERIORES
DO BRAZIL
E DOS EXTRANGEIROS E FOMENTO
DE PORTUGAL



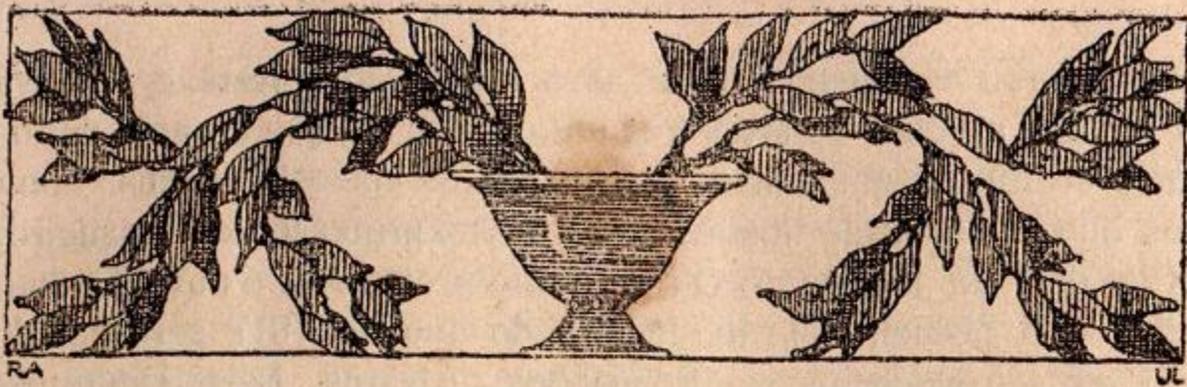
DIRECTORES:

João do Rio e João de Barros

EDITOR: Pedro Bordalo Pinheiro

REDACÇÃO: Rua António Maria Cardoso, 27

IMPRESA LIBANIO DA SILVA, Travessa do Fala-Só, 24 — LISBOA



O Código Civil Brasileiro

Não cabe nos estreitos limites dum artigo de revista — e muito menos duma revista da índole da *Atlântida* — um estudo mais ou menos detalhado e mais ou menos completo acêrca do novo Código Civil Brasileiro. Nem mesmo que êsse estudo fôsse possível a importância do assunto a versar não se compadeceria, de maneira alguma, com a competência e com a autoridade da pessoa que subscreve estas linhas. Escrevendo-as, o nosso principal intuito é chamar a atenção dos mais competentes, para um trabalho jurídico que reputamos de alto valor e que só por si bastará para demonstrar aos mais desconhecedores da moderna bibliografia brasileira o que valem e o que representam na actualidade alguns dos que na grande república sul-americana cultivam a ciência do direito positivo.

* * *

Com perto dum século de existência política ou autónoma, o Brasil não tinha ainda codificado devidamente a sua legislação em matéria de direito civil. Fragmentada, dispersa por numerosos diplomas, tendo ainda como elemento por assim dizer fundamental ou basilar as nossas velhas Ordenações Filipinas, de há muito que no fôro, nas escolas de direito e na imprensa jurídica se vinha sentindo a necessidade duma obra da natureza daquela de que nos estamos ocupando. À República, que tem a dignificá-la perante o mundo civilizado homens da envergadura mental de Rui Barbosa — êsse nome que se fez grande nas Conferências da Haia e que alcançou há bem pouco, depois do seu monumen-

tal discurso de Buenos Aires, uma reputação universal — estava reservada a honra de levar a cabo a tarefa em que durante tantos anos se tinham empenhado juristas como Bevilacqua e tantos outros como êle ilustres no fôro e no professorado brasileiro. A lei de 1 de Janeiro do corrente ano promulgou o novo Código Civil e o primeiro dia de Janeiro do ano de 1917 será aquele em que — revogadas as Ordenações, Alvarás, Leis, Decretos, Resoluções, Usos e Costumes concernentes às matérias de direito civil reguladas no novo Código — êste deve principiar a executar-se em todo o vastíssimo território da grande República da América do Sul.

Atingindo uma situação que de há muito vinha merecendo as mais dedicadas e inteligentes atenções por parte de alguns dos seus mais notáveis publicistas, o Brasil, país de origem e de cultura acentuadamente latinas, dá mais uma prova eloquentíssima da profunda transformação que nele se vem operando desde 1899, à sombra das instituições democráticas. Foi demorada a elaboração do diploma jurídico a que nos referimos: mas o Brasil pode orgulhar-se de que, num trabalho de confronto com as leis similares dos povos mais adiantados da Europa, o Código Civil Brasileiro ficará, por muito tempo, como um documento brilhante que servirá para atestar o valor dum povo rico das mais fortes e das mais prometedoras energias.

* * *

Contendo uma *Introdução*, uma *Parte geral* e uma *Especial*, estas subdivididas em *Livros* e estes em *Títulos*, as disposições do novo Código Civil espalham-se por 1828 artigos, e, percorrendo-os, embora numa simples e pouco demorada leitura, o que desde logo impressiona favoravelmente é o cuidado que houve na redacção das suas diversas disposições. Mórmente pelo que respeita à matéria dos artigos 1.º a 21.º da Introdução a que aludimos, as regras que alguns dêstes artigos encerram ou consignam são sínteses perfeitas e escrupulosamente formuladas. Estão neste caso, por exemplo, os artigos 3.º, 5.º e 8.º

O Livro 1 da Parte geral trata das *pessoas* e encerra várias disposições, algumas das quais muito desejaríamos ver introduzidas, embora com ligeiras modificações, na nossa legislação civil. Assim, em face da nova lei brasileira, cessa para os menores a incapacidade pelo estabelecimento civil ou comercial com econo-

mia própria. Nada mais justo. A classificação das *peçoas jurídicas*, quer de direito público quer de direito privado, reputamo-la aceitável, se bem que na categoria das segundas não incluíssemos — por motivos fácilmente compreensíveis — as sociedades religiosas, a que muito expressamente se refere o n.º 1.º do artigo 16.º A secção que se refere às *fundações* merece também uma referência especial. O título que trata do *domicílio civil* é preciso quanto às suas disposições fundamentais, tão importantes por em parte determinarem a competência para certos actos da vida civil, exigência de responsabilidades e execução de direitos.

No Livro II trata-se dos *Bens* e nos artigos 70.º e seguintes, do *Bem de Família*, instituição que muito conveniente seria que se introduzisse em Portugal. Parece-nos contudo que o legislador brasileiro restringiu um pouco os benefícios que o *bem de família* (para empregarmos a expressão do diploma que singelamente e em parte estamos rápidamente anotando) é chamado a dispensar. Mórmente nos povos entre os quais o sentimento da *previdência* não está ainda muito desenvolvido, o estabelecimento dos *casais de família* representaria, quando devidamente regulamentado, em benefício de carácter social que muito útil se tornaria. A imobilização da propriedade, dadas certas condições, durante um período mais ou menos longo não será, no nosso entender, motivo para que em Portugal alguma coisa se tente no sentido de garantir à família uma estabilidade e uma tranqüilidade de vida que ela, infelizmente, actualmente não tem? A tentativa feita por o Brasil merece, pois, o nosso mais caloroso aplauso, entusiastas como somos duma reforma das nossas leis civis que vá remodelar profundamente toda a nossa legislação sôbre a propriedade imobiliária, pulverizada cada vez mais, mercê de muitas disposições inconvenientíssimas do nosso Código Civil. À parte que no diploma brasileiro se refere à *propriedade*, assunto de que tratam os artigos 524.º e seguintes, faremos mais adiante as merecidas referências.

*
* *

No Livro I da Parte Especial trata-se dos direitos de família e é de notar o cuidado que ao legislador mereceu este capítulo — sem dúvida um dos mais importantes do seu trabalho. Tudo o que respeita ao *casamento*, aos direitos da mulher casada e aos meios de defesa que a lei lhe faculta, denotam o interêsse que

à nova lei mereceu a vida da família regularmente constituída. A doutrina dos artigos 246.º e 247.º mostra a que ponto no Brasil se respeitam os direitos da mulher que contraíu o matrimónio e que exerce uma profissão lucrativa, um cargo público e que tem de dirigir a economia doméstica do seu lar. O *divórcio* ou o *desquite* é permitido mas só nos quatro casos taxativamente enumerados no artigo 317.º: adultério, tentativa de morte, sevícia ou injúria grave e abandono voluntário do lar conjugal durante dois anos contínuos, e ainda por mútuo consentimento quando o casamento tenha durado por mais de dois anos. Também por mútuo consentimento, havendo ou não filhos menores, a lei portuguesa permite o divórcio. Mas nós que sempre fomos partidários do divórcio, não o permitiríamos nunca, por mútuo consentimento, senão das certas circunstâncias e não havendo filhos menores: estes, geralmente, estranhos às causas que levam os pais a divorciarem-se — algumas vezes apenas para livremente poderem alienar o dote constituído a favor da mulher — não veem a ser as únicas vítimas da invocada *anuência* ou *mútuo consentimento* dos pais!

Pelo que respeita ao reconhecimento dos filhos ilegítimos por meio das acções de investigação da paternidade, o Código Civil Brasileiro afasta-se profundamente da legislação portuguesa. Não permite a lei brasileira o reconhecimento dos filhos adulterinos e determina taxativamente no seu artigo 363.º que os fundamentos da respectiva acção de investigação são apenas estes:

a) — se ao tempo da concepção a mãe estava concubinada com o pretendido pai;

b) — se a concepção do filho reclamante coincidiu com o rapto da mãe pelo suposto pai, ou suas relações sexuais com ela; e finalmente:

c) — se existir escrito daquele a quem se atribui a paternidade, reconhecendo-a expressamente.

Não se incluem entre estes fundamentos o da *posse do estado*, mantido pelo artigo 130.º, n.º 1.º, do Código Civil Português e consignado ainda, embora modificado num sentido mais favorável aos pretensos filhos — pelo decreto com fôrça de lei de 25 de Dezembro de 1910.

Em nosso entender procedeu avisadamente o legislador brasileiro.

A jurisprudência portuguesa, na apreciação da prova demonstrativa da existência da *posse do estado* é tão escrupulosamente

meticulosa — e ainda bem que assim sucede — que raros serão aqueles que possam fazer vingar perante os tribunais os seus pretensos direitos quando estes tenham apenas por base o tratamento e a reputação do litigante filho pelo pretenso pai e pelo público. Por outro lado, em países em que o nível moral alguma coisa deixa a desejar, torna-se perigoso facilitar excessivamente um meio que pode ser utilizado com fins meramente gananciosos por criaturas sem escrúpulos: isto principalmente permitindo-se as acções de investigação da paternidade *mesmo depois da morte do pretenso pai* e dadas que sejam certas circunstâncias. Não ignoramos que quem trata e reputa como seu filho um certo e determinado indivíduo só por desleixo o não reconhece. Mas deixar unicamente dependente da prova testemunhal a determinação duma qualidade jurídica de altíssimo valor, reputamo-lo excessivamente grave. Nestas circunstâncias o critério adoptado pela moderna lei brasileira, se não é perfeito, parece-nos muito superior àquela a que obedeceu o legislador português de 1910.

A *adopção* que as leis civis dos romanos permitiam é também reconhecida no Brasil. As disposições do artigo 375.º prescrevendo que a *adopção* se deverá fazer por escritura pública em que se não admite condição ou termo e a do artigo 374.º, n.º 1.º, permitindo que por meio de mútuo acôrdo se dissolva o vínculo da adopção são de molde a evitar em parte inconveniências que da adopção podem resultar. Todavia uma disposição se encontra no novo Código Civil Brasileiro com a qual não concordamos: a do artigo 377.º que, determinando que a adopção produzirá todos os efeitos ainda que sobrevenham filhos ao adoptante salvo o caso previsto no mesmo artigo, parece-nos conter um princípio atentatório dos direitos dos mesmos filhos.

A matéria relativa ao *pátrio poder*, à *tutela* e à *curatela*, regulada nos artigos 379.º a 462.º, encontra-se, em nossa opinião, tratada com meticoloso cuidado e inteligência. Porém a suspensão do poder paternal quando o pai ou a mãe forem condenados por crimes cuja pena exceda a dois anos de prisão, não a reputamos justa. Pelo contrário, a perda do mesmo poder, judicialmente decretada, quando o pai ou a mãe pratique actos contrários à moral e aos bons costumes, parece-nos um poderoso elemento de defesa social que muito conviria fixar, guardadas as devidas cautelas, na legislação civil e penal de todos os povos cultos.

Quanto à *ausência* e à sucessão provisória e definitiva a que ela pode dar lugar, objecto dos artigos 463.º a 484.º, entendemos que o que novamente o Brasil legislou a êste respeito tem a sua mais completa justificação na necessidade de harmonizar os direitos do ausente com os dos seus legítimos herdeiros e com os do Estado.

A respeito da *posse*, como meio de aquisição de direitos e da *propriedade* — inclusivé a propriedade científica, literária e artística, esta relacionada com o que nos artigos 1346.º a 1362.º se determina quanto ao contrato de edição e às representações das obras dramáticas e ainda as *servidões* — parece-nos que o legislador brasileiro teve muito especialmente em vista não só os ensinamentos dos mais modernos tratadistas de direito, mas ainda as circunstâncias especiais do Brasil, país de extensas e ricas regiões agrícolas, onde a pequena e a grande propriedade se encontram reunidas e onde tudo há a esperar, quanto ao seu futuro desenvolvimento, daquelas medidas de fomento económico que alguns Estados, como por exemplo o de S. Paulo, tão sábiamente conseguiram ter já em grande parte executado. Quanto ao uso das águas das extensíssimas vias fluviais que atravessam o território brasileiro e sôbre o aproveitamento dos jazigos mineiros nada dispõe o diploma a que estamos fazendo estes ligeiríssimos comentários.

Os títulos que tratam das *modalidades das obrigações*, dos *efeitos* destas, da *cessão de crédito* e dos *contratos*, assunto regulado nos artigos 863.º e seguintes, conteem disposições que reputamos necessárias e indispensáveis para o exercício da livre actividade dos cidadãos dum país livre. Algumas observações poderíamos contudo fazer quanto à inclusão no Código Civil Brasileiro do princípio consignado nos artigos 1140.º e seguintes (*retro-venda*) que a nossa legislação civil não admite e quanto ao contrato de *locação* principalmente pelo que respeita à *locação mercantil* àcêrca da qual não é muito explícito o preceituado no Cod. Comercial em vigor.

Pelo que respeita ao *mandato* e à *gestão de negócios* — assuntos para nós portuguezes de maior importância visto o número elevado de nacionais nossos que deixaram no Brasil prédios e valores em administração nas mãos de um ou mais procuradores — contêm a lei brasileira uma disposição mais *expressiva* do que as dos artigos 1366.º e seguintes do nosso Código Civil : — é a do ar-

tigo 1308.º que muito expressamente preceitua que «*embora sciente da morte, interdição ou mudança de estado do mandante, deve o mandatário concluir o negócio já começado, se houver perigo na demora*».

O contrato de *seguro*, que em muitas legislações que conhecemos tem um carácter acentuadamente comercial e faz parte ou dos respectivos códigos do comércio ou de diplomas especiais, é também regulado no Código Civil Brasileiro.

Pondo de parte a discussão que a êste respeito se poderia aqui reproduzir àcerca dêste facto, seja-nos contudo permitido dizer que pelo respeito, por exemplo, ao *seguro mútuo* achamos insuficientemente regulado um assunto tão importante e que últimamente tem tido no Brasil e em outros países um tão largo desenvolvimento. Isto a não haver lei especial reguladora dêste ramo de seguros.

No Livro IV, finalmente, trata o novo Código do *direito das sucessões*.

Ao contrário do que dispõe o nosso Código Civil também o *êrro* é fundamento que permite a acção para se retratar a *renúncia* de qualquer herança e em matéria de *testamento* desaparece o testamento nuncupativo que nenhuma razão séria havia que justificasse, para só serem admitidas as seguintes espécies de testamentos: o *público*, o *cerrado* e o *particular*, isto além dos testamentos especiais: o *marítimo* e o *militar*. O testamento *conjuntivo* (o nosso antigo testamento de mão comum já proscrito pelo nosso Código Civil) é também proibido. A quota disponível do testador com ascendentes ou descendentes nacionais é reduzida a *metade*, calculada essa *metade* sôbre o total dos bens existentes ao falecimento do mesmo testador abatidas as dívidas e as despesas do funeral. Várias são as causas que podem fundamentar a *deserdação* dos descendentes pelos ascendentes e vice-versa. Nêste ponto, como em outros, a lei brasileira parece-nos mais em harmonia com os preceitos de moral do que a nossa e por isto é êste um assunto que não deverá também ser esquecido, em nosso entender, numa futura revisão do nosso Código Civil que, promulgado em 1868, tão alterado tem sido mórmente depois de 1910. Nos têrmos da nova legislação do Brasil o encargo de testamentário, — quando êste não seja herdeiro ou legatário — não é gratuito: o testamentário terá sempre direito a um prémio que não excederá a 5% e que será arbitrado pelo juiz calculado

ATLANTIDA

DIRECTORES :

NO BRASIL — João do Rio

EM PORTUGAL — João de Barros

SECRETÁRIO: Elísio de Campos — EDITOR: Pedro Berdalo Pinheiro

N.º 14

15 de Dezembro de 1916

SUMÁRIO

<i>O Código Civil Brasileiro</i>	Matos Cid
<i>Canção das águas</i>	Teófilo de Albuquerque
<i>Jogos florais luso-brasileiros</i>	Júlio Brandão
<i>Prólogo das «Ilhas de Bruma»</i>	Afonso Lopes Vieira
<i>Russa de má' pélo (continuação)</i>	Teixeira de Queiroz
<i>O campónio wallon</i>	Henrique de Dacia
<i>Ronald de Carvalho</i>	Luís de Montalvor
<i>Claro de Lua</i>	Ronald de Carvalho
<i>A linguagem alto-minhota e a literatura</i>	F. Alves Pereira
<i>Carteira dum libertino</i>	Aquillino Ribeiro

REVISTA DO MÊS

<i>Carta do Brasil</i>	João d'Além
<i>Notas de Madrid</i>	António Jaén
<i>A «Galeria das Artes»</i>	V. F.
<i>O mês literário</i>	Joaquim Manso
<i>Os Teatros</i>	Marques Braga
<i>Émile Verhaeren</i>	Avelino de Almeida

NOTÍCIAS & COMENTÁRIOS

Reprodução de: Francisco dos Santos.
Desenhos de: Raul Lino e Santos Silva.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

PORTUGAL, ILHAS E COLÓNIAS

Um ano (12 números)	2\$90
Seis meses	1\$50

PAÍSES DA UNIÃO POSTAL

Um ano (12 números)	Frs. 15
-------------------------------	---------

Número avulso em Portugal \$25

REDACÇÃO: Rua Antonio Maria Cardoso, 26 } LISBOA
ADMINISTRAÇÃO: Largo do Conde Barão, 49 }

sôbre toda a herança líquida. A importância da missão imposta ao testamenteiro e as responsabilidades dêste justificam esta benéfica disposição.

Quanto a *inventário* e *partilhas*, considera-se válida a partilha feita pelo pai por acto entre vivos ou de última vontade, contanto que não prejudique a legítima dos herdeiros necessários. O artigo 1779.º do novo Código Brasileiro insere uma disposição que na prática pode dar lugar a sérias complicações e até prejuízos que circunstâncias muito especiais podem, todavia, justificar. É a que preceitua que «quando parte da herança consistir em bens remotos do lugar do inventário, litigiosos ou de liquidação morosa ou difícil, poderá proceder-se, no prazo legal, à partilha dos outros, reservando-se aqueles para uma ou mais sobrepartilhas, sob a guarda e administração do mesmo ou diverso inventariante, a aprazimento da maioria dos herdeiros». O prazo marcado pelo artigo 1770.º para a conclusão dos inventários, determina ou justifica, talvez, em parte, o texto legal que deixamos reproduzido.

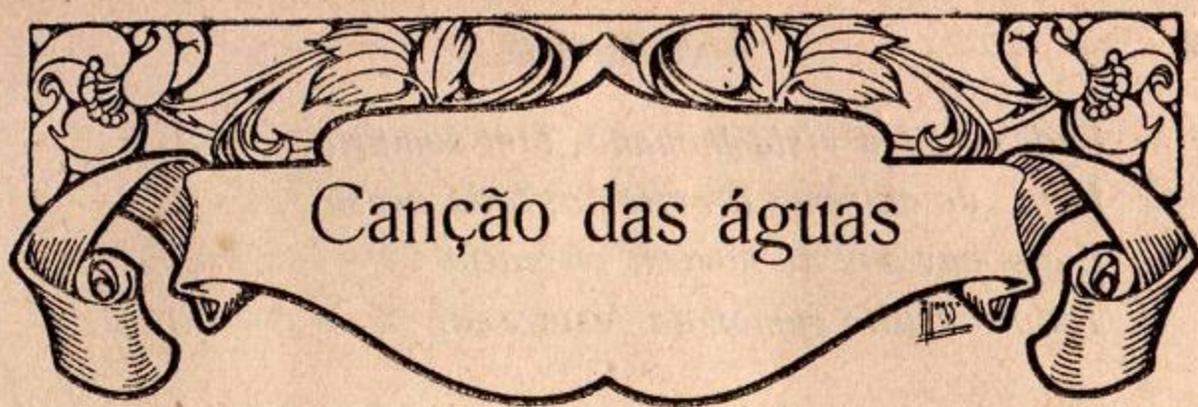
*
* *
*

Eis a traços muito largos a impressão que nos deixou o estudo, aliás muito superficial e muito incompleto, que fizemos do valiosíssimo diploma que o Brasil acaba de publicar e que tão interessante se tornará quando devidamente comentado pelos publicistas quer da América quer da Europa. Para nós outros, portugueses, êle tem um subido valor: vive no Brasil uma numerosa colónia portuguesa que em parte ali constituiu família e ali criou interêsses. Para essa colónia o novo Código Civil tem uma especial importância. Para mais as relações entre os dois povos são neste momento cordealíssimas e por isso nada do que concorra para engrandecer a grande república do Sul da América nos pode ser indiferente. Bom será que essas relações se acentuem cada vez mais e que a um vasto intercâmbio científico e literário corresponda um maior e mais desenvolvido intercâmbio comercial.

São êsses os nossos votos.

Lisboa, Julho de 1916.

MATOS CID.



A Araujo Jorge

*Na alma das águas, que reflecte a imagem
De tudo que se anima ou se sepulta,
Minh'alma, a estremecer, assiste à viagem
Da vida clara para a vida oculta.*

*E à viagem bela, ao mesmo tempo, assiste,
Para o Sol, para o céu, que o Sol inunda,
Da vida que nos córregos existe,
Que no leito das águas se fecunda.*

*Ah! pudesse a canção, que a arte burila,
Reter, num verso só, de ruído e calma,
A luta, ora ofegante, ora tranqüila,
Que no corpo das ondas vê minh'alma!*

*Pudesse o verso, em ritmos crescentes,
Reflectir o esplendor com que ressuma
A legenda sonora das nascentes,
A linguagem suavíssima da espuma...*

*Pudesse! e a vista humana, tam sombria,
Fôra, de extremo a extremo, toda acesa,
E aos ouvidos do homem chegaria
Todo o oculto rumor da Natureza.*

*Porque na alma das águas, em que a lua
Sonha, na alma das ondas e das fontes,
Tem-se a tragédia que se perpetua
Do coração da terra aos horizontes.*

*À beirada de um rio, olhando a vaga,
Toda alma sente que de sua esfera
Alguma cousa às ondas se propaga,
Que já das mesmas ondas lhe viera.*

*Emquanto o rio corre, e o olhar amigo
A carreira lhe segue, a sensação
Todo homem sente de que um rio antigo
Também lhe corre pelo coração.*

*Todo homem sente, ao contemplar o oceano,
Que a alma se lhe comove e o olhar desmaia.
Quem sabe o que haverá de sonho humano
Nesse morrer da onda ao pé da praia?*

*Quem é que, em frente ao mar, não conjectura?
Quem, junto às ondas, entre o mar e o céu,
Não evoca uma forma inda futura,
Não se lembra de um bem que não conheceu?*

*Quem não percebe dentro d'alma, ecoando,
Quem não sente que o peito lhe percorre
Um grito, uma emoção, um choro, quando
No amplo leito da praia a vaga morre?*

*De onde o pranto virá, que a nossa mágoa
Expressa, se seguimos entre abrolhos?
Talvez que venha de um retalho d'água,
Oprimido, a gemer, por trás dos olhos.*

*Talvez que nos humanos murmurios,
Talvez que em nossas preces e cantares,
Solucem almas de apagados rios
E clamem vozes de esquecidos mares.*

*O sonho humano, impraticável, que erra
De pouso em pouso, talvez seja o efeito
De antigo oceano que procura a terra,
De rio extinto que procura o leito.*

*Os mares em revolta as naus consomem,
E os homens matam sem que sejam maus!
Talvez exista nas violências do homem
Resíduo de ondas que arrebetam naus.*

*Vêde a canção de amor, vêde o gorgueio
Que pede o beijo, que a ventura afaga.
É breve e é triste. Êle contém no seio
A voz da espuma que murmura a vaga.*

*Canção de amor! Canção de sonho! glória
Mudada em cantos, que afugenta as mágoas!
Mas, afinal, é sempre a mesma história:
Canção de amor — triste canção das águas!*

*Em mim, quando em vocábulos exulta
A unidade de sons que me equilibra,
A voz das ondas entre as mais avulta,
A alma das águas mais que todas vibra.*

*Alma que é voz de luz, na água desfeita,
Que apesar de ser de águas é perfume.
Alma selecta, de outras almas feita,
Que as almas todas em canção resume!*

*Ah! que o instante eu perceba, alma sidérea,
Em que possa meu corpo, à luz do dia,
Tornar gelado a ti, feito miséria,
Para em ti reviver, feito harmonia!*

Rio de Janeiro.

TEÓFILO DE ALBUQUERQUE.

Jogos florais luso-brasileiros

Há dois anos, em Maio, numa brilhante conferência sôbre Letras brasileiras, proferida no Ateneu Comercial do Pôrto, o sr. Cervaens y Rodriguez lembrou «a primazia da celebração em Portugal, e nesta cidade, de jogos florais luso-brasileiros, onde a prosa, a poesia, as belas artes, o comércio, a indústria e a agricultura tivessem secções especiais».

O Ateneu aplaudiu calorosamente o alvitre, tomou a peito a efectivação da idea, e cremos que era seu desejo que as festas se realizassem em 15 de Novembro dêsse mesmo ano, — data certamente gloriosa e muito bem escolhida. Nesse dia histórico, que esplendidamente assinala o ressurgimento do Brasil, haveria no Pôrto os primeiros jogos florais que se faziam em terra portuguesa, celebrando a vitalidade literária e artística, industrial e comercial dêsse país longínquo, prodigioso de belézas e de opulências, incomparavelmente generoso e progressivo. As duas Repúblicas, em comunhão de ideais, encontrar-se-iam abraçadas nesse dia pelos representantes do seu avanço intelectual e do seu desenvolvimento económico. Era, na verdade, uma festa magnífica. O Ateneu chegou, segundo ouvimos, a esboçar o plano, a pensar no programa dos jogos; e temos a certeza, pelas tradições brilhantes da simpática agremiação, que as festas haveriam de ser originaes e soberbas.

A grande guerra ia, contudo, ensopando em sangue as terras assoladas — e a fumarada envolvia de crepes o sol fecundo e belo; os horizontes eram torvos e de catástrofe; e as horas caíam, rolando lágrimas e soluços que enchiam o mundo. . . Com

feito, não era momento de entretecer coroas nem de cuidar de rosas; as próprias flores deviam desfolhar-se de tristeza. A bondade e a beleza já andavam foragidas e espantadas, e os poetas do Amor tinham de ser alfagemes e soldados.

O Ateneu pôs de parte, por algum tempo apenas, o programa dos jogos. Era preciso esperar que os «super-homens» dessem ingresso nas *ménageries*. Mas não desistiu de levar a efeito a festa esplendorosa, terminados que sejam os actos da tragédia.

Em Portugal não há o hábito dos jogos florais — e é grande pena. Na Espanha tais festas estão enraizadas nas tradições, fazem-se em toda a parte. Será por terem lá ouvido de mais perto as mandoras dos troveiros de Tolosa, tam amigos e tam ciosos da sua língua, — daqueles «*mainteneurs du gai savoir*», que primeiro ofertaram a violeta de oiro ao cantor mais enternecido do amor e da beleza? Mas ainda sendo assim, porque seria que os jogos florais nunca se aclimataram em Portugal, cuja alma lírica se casa tam bem com a dos trovadores admiráveis, que veem de Bernardo de Panassac ao autor incomparável de *Mireille*? — O reflexo das tradições senhoriais e das côrtes de amor é mais vivo no resto da Península? Sem dúvida, e em muitas povoações espanholas o ambiente é ainda sugestivo para evocações medievais; mas nós viemos literariamente da Provença! Essas festas são de há muito, de resto, puros certamens literários; organizam-se até com freqüência na Galiza; mas não lograram até agora, que saibamos, transpor as fronteiras, sendo certo que a Poesia floresce entre nós tam maravilhosamente, que a não sabemos mais bela pelo mundo. A história da grande alma de Portugal há-de ficar indelével, incorruptível e sagrada na obra dos seus poetas. Da «cantiga» de D. Sancho à «Ribeirinha» até aos poemas mais recentes, a poesia portuguesa é uma coisa de prodígio!

A verdade é que no ardente povo de Espanha, como se vê, as touradas não são inteiramente absorventes. Há tempo para tudo: para graças de espírito e para ver as estocadas dos *dies-tros*. Nós assistimos há uns anos, em Salamanca, aos jogos florais luso-espanhóis, os únicos peninsulares que se fizeram na Espanha. Salamanca é, como se sabe, uma cidade excepcional de monumentos, cheia de tradições e de lendas, com uma larga e vária história nos factos da Península. É rara a sua viela ou corredoura em que não haja, pelo menos, uns trechos de arquitectura admirável.

A pedra das suas catedrais, da sua Universidade tam nomeada, de tôdas as suas casas, tem um tom de oiro velho, como o das fôlhas mortas, pelo Outono. De longe dir-se-há uma rara jóia de ourivesaria antiga, uma pequena ilha de oiro arrendado, entre a ondeante maré das searas verdes, que fazem um longo mar das planícies... A par da sua vida moderna e viva, nessa bela Plaza Mayor ou nas betesgas do burgo, sente-se, na magia de certas horas, qualquer coisa que o passado não só gravou na pedra, desde as sombras medievas à Renascença *plateresca*, mas que deixou do mesmo passo nas almas — como se o grande cantor de *La noche serena* ainda se ouvisse, a alguns séculos de distância. Ali, como por quâsi tôda a Espanha antiga, não raro cuidamos ouvir ainda, nas penumbras novelescas, um dramático tinir de ferros, que se cruzam; não raro, nos chapéus dos burgueses, parece esvoaçar ainda uma velha pluma... O ambiente é propício à ressurreição de cenários remotos, em parte ainda patentes, como nos jogos a que assistimos no claustro do Colégio dos Irlandeses, obra duma nobre elegância e simpleza artística, com esculturas de Berruguete.

Às quatro horas deu entrada a «raíña», que era a senhora infanta D. Isabel de Bourbon. Os clarins dos arautos ressoaram; o formigueiro humano, que enchia o pátio enorme, ondulou; todos os convidados se ergueram. De entre as colunas, no pavimento alto, por trás do taburno onde tomaria lugar a côrte floral, pendiam vetustas, admiráveis tapeçarias heráldicas. A «raíña» vestia de azul, com um belo ramo de flores ao peito — das lindas flores que tinham ido de Portugal. As *señoritas* que a acompanhavam — a côrte de amor —, sentadas nos degraus do trono, eram, na realidade, um verdadeiro encanto. Queria que as vissem! Muitas vestiam de *charras*, e os trajos, de bordados lindíssimos, alguns a missanga, os peitos relumbrantes de filigramas de oiro, os penteados que levam longas horas a tecer artisticamente, e que as mantilhas de sêda branca enquadravam em levezas de espuma, tudo fazia daquelas raparigas gentilíssimas as mais deliciosas inspiradoras de poetas salmantinos, desde o malogrado Gabriel y Galau até ao premiado nesses jogos, o Sr. D. Luís Romand.

O «mantenedor» era o Sr. Lopes Muñoz, hoje ministro da Espanha em Lisboa, que pronunciou uma oração notável. Moret, que depois, num banquete, orou magistralmente, não foi afinal o

mantenedor, como estava anunciado. De Portugal falou Eugénio de Castro, e a sua saudação foi um primor.

De quando em quando ouviam-se os clarins dos arautos — sinal de nova recitação ou discurso. Que bela nota de sol e de triunfo, essa dos clarins de oiro!

Salvador Rueda, mais uma vez premiado em jogos florais da sua pátria, não pôde recitar a sua ode a Salamanca: disse-a com entusiasmo um actor distinto, que alcançou uma ovação delirante. António Sardinha, um dos nossos premiados, leu os seus versos — e os dois poetas abraçaram-se enternecidamente. Sardinha cobriu com a sua capa de estudante de Coimbra a Salvador Rueda, e os aplausos encheram o claustro e o céu por largo espaço, num frémito comovido — para de novo, heróicamente, cantarem os clarins . . .

Os jogos florais luso-brasileiros, que o Ateneu destina a aproximar mais ainda os dois povos fraternais — vindo aqui certamente alguma das figuras mais representativas nas Letras, nas Belas Artes, na Indústria e no Comércio da grande República transatlântica — teem visivelmente um carácter mais amplo, mais actual, do que os festejos congéneres de Espanha. Serão, tudo leva a crê-lo, um esplêndido certâmen, tendo provavelmente como ponto culminante uma distribuição de prémios, à maneira tradicional e pitoresca dos jogos florais. O que não sofre dúvida é que o intuito da festa é excelente, e que o Ateneu há-de organizar um programa que converta êsses jogos num padrão inolvidável de beleza, de confraternização e de progresso.

JÚLIO BRANDÃO.

Prólogo das “Ilhas de Bruma”

*Numa casa que está rezando ao mar,
e tem Camões coroado
não de loiro celebrado,
mas de espinhos a sangrar;*

*aí vivi, sonhei eu,
ao som do mar, que tangia;
os sonhos, êle m'os deu,
ditava, e eu escrevia.*

*Com saudades no peito me estremece
um roussinol... Canto em mim.
Meu coração gorgeia e ei-lo esmorece,
roussinol de Bernardim.*

*Foi por amor de ti, terra formosa,
por te amar com tam fundo sentimento,
que fui prègador e em prosa
fiz meus sermões de admiração ao vento.*

*O' Portugal, florida alpendurada
sôbre o mar, coisa saúdosa...*

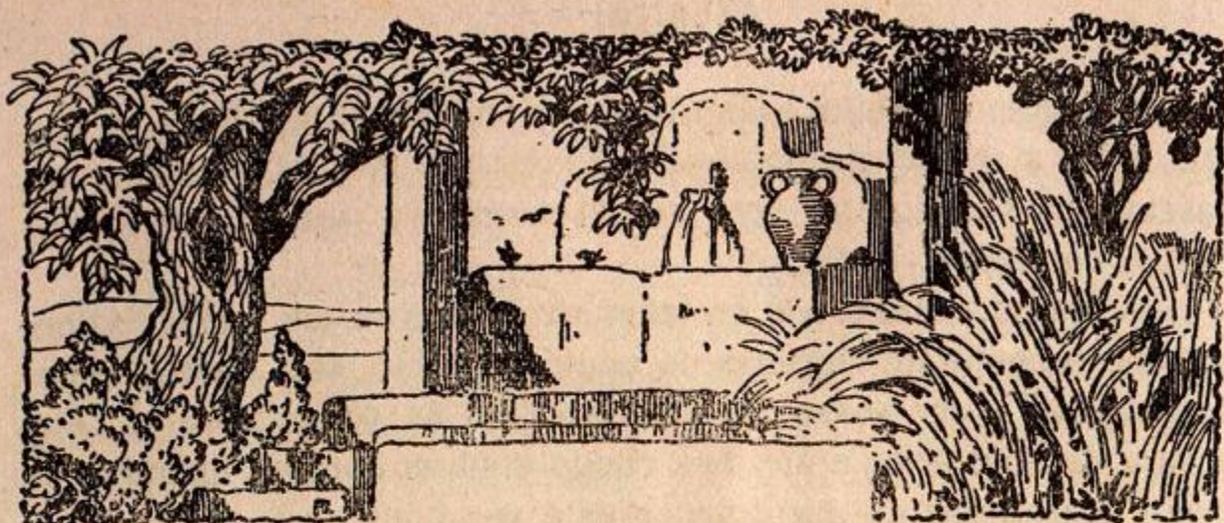
*Esta é a pátria ditosa
minha amada, minha amada!*

*Mas as saúdades, sob a lua gris,
evolam-se na bruma de violeta,
entre os pinheiros del rei Dom Dinis
e ondas da Nau Catrineta.*

*E fico só com elas, neste vário
momento em que a dor se esfuma.
Só, senhor e donatário
das minhas Ilhas de Bruma.*

*Revivei na minha alma, ó velhos temas,
penumbras da claridade.
E misterioso cante nestes poemas
meu amor português — beijo e saúdade...*

AFFONSO LOPES VIEIRA.



Russa de má' pêlo

«Elle est fauve comme une hirondelle»

H. DE BALZAC — *Médecin de Campagne*.

II

(Continuação)

O murmureo de vozes condoidas erguia-se na modesta egreja, como nuvem de incenso, em dias de festa. Imprecavam com fé e desejo, de tornarem a ver os bois restituídos ao gozo da bôa herva, para com a sua corpulencia magestosa lhes encantarem os olhos, enfeitando a paizagem. A tranquillidade do templo, o lamento das vozes infantís era impressiva: parecia cicio de vento carinhoso, beijando o folhedo de floresta silente! As palavras, o tom respeitoso da invocação commoveu o Domingos sacristão, que tudo observava, sentindo o peito unguido de pranto.

A Russa continuava de cada vez com maior fervor:

— Rezemos tambem uma *Salva rainha* á Mãe Santíssima, para que, mais Santo Antonio, façam o milagre de salvar os bois mais lindos que há. Môços e môças, agora com muita devoção, para que nos ouçam no céu. Dizei comigo: «*Salva Rainha...*

— *Salva Rainha...* etc... — repetiam.

— Entoavam as palavras, em alternancia submissa com Luisa, tomando-as da sua bocca, como os meninos tomam o leite materno. A prece, n'uma stratificação de vozes de tonalidade desegual, ressoava plangente. O sacristão ajoelhara, acompanhando o côro das creanças. O seu applauso á iniciativa daquella a quem muitos chamavam a *maluca*, por causa das suas travessuras, tocara-o, e entendeu que acto assim piedoso, devia ser admirado por mais

gente. Ergueu-se subtil, com medo de minguar tão linda devoção, e foi á residencia do abbade Celestino, inteiral-o do que se passava na sua igreja, para que trouxesse o seu louvor á iniciativa da Russa. E dizia-lhe :

— Aquillo, senhor, é de fazer rir e chorar um morto ! Olhe que me rebentaram lágrimas de contente. Não sou muito home de ternuras, como vossa reverencia sabe ; ás vezes *roto-os* com a vára da confraria, e até lhes chego com as cordas, quando me fazem maroteiras no ádro; mas d'esta vez confesso . . .

— Vamos lá ver ! Essa rapariga, tenho reparado que, ás vezes, mostra mais juizo do que muitos grandes — disse com satisfação o ecclesiástico.

*
* *

As rezas tinham de terminar e com ellas acabou o espirito de piedade. Conservaram-se algum tempo quietos, e Luisa com expressão de rosto voluvel, principiou a andar em volta, e a attentar nos santos. Seguiam-na os companheiros, esperando qualquer coisa de novo d'aquelle seu demorado exame. No semblante da Russa renascia o espirito folião daquelle dia . . . Foi S. Braz, o primeiro que lhe provocou o génio de galhofa :

— Eh ! môços ! — disse apontando. Que focinho tão feio elle tem ! Parece o tio Zurra !

Estavam agrupados deante do altar. O santo olhava-os serenamente, superior e estranho a qualquer desacato infantil. A lembrança da Russa despertou os primeiros chascos irreverentes nos seus companheiros. Uma rapariga, secundando a facécia, disse :

— Que barbas de chibo elle tem ! . . .

— Se houvesse aqui uma lumieira chamuscavam-se-lhe — opinou Luisa, sendo recebida com gargalhadas a sua idea.

Naquellas imaginações em desordem appareceu a possibilidade do quadro faceto d'um incendio na cara de S. Braz, como esses que tinham visto nas cerdas dos porcos, que se chamuscam, quando mortos, estendidos no chão.

— Mas vae-se buscar palha ! — offereceu-se entusiasmado um garoto de dez annos.

A dirigente da zumbaria, talvez que previsse a enormidade do desacato; porque resolveu :

— Melhor é pôr-lhe um carapuço ! . . .

E logo tomou do chão um papel avulso, ali esquecido, enge-nhando, com rapidez, um cartucho dos que fazia o Maranhão, para

pesar assucar. Subiu celere, quasi num vôo de ave, ao altar, collocando o cartucho sobre a calva da paciente imagem, que ficou parecendo um sacerdote egypcio.

Mas o S. Joãozinho, com a sua cara menineira e o seu anho ao lado, sorria atrevidamente do companheiro. Talvez presumisse que esta condescendencia e parcialidade o livraria da mofa, com que a Russa o designou á turba infantil, pois ella disse :

— E aquelle do carneiro?! Se se podessem tirar as barbas dum, p'ra pôr na cara do outro!... Bem precisava dellas, que não tem nenhuma.

— Mas arranjam-se-lhe com este panno preto — aventou uma rapariga, tomando do chão um farrapo de baeta preta.

Era resto de ornamento da igreja, ou de balandrau de defuncto, que o coveiro Coruja tivesse deixado de fóra, ao revolver qualquer sepultura. Luisa tomou-o num repelão, foi-se á cara do futuro prégador do deserto, cubriu-lhe o queixo e a bocca, dando-lhe a apparencia dum facínora, com olhos meigos de boneca. O espirito iconoclasta lavrava intenso em todos os cerebros e corações das creanças! Era o histrião carnavalesco, em que andavam metidos, havia tres dias, que os incitava! Um rapazito vestido com andrajos de máscara lembrou :

— Que se hade fazer áquelle santo Antonio, que tem o menino nos braços?!...

— Esse não! — aconselhou a prudente Luisa. É elle que hade sarar os bois do tio Sarabanda!...

Estas palavras graves e sizudas repozeram, por momentos, os espiritos no estado precedente de veneração. Houve compostura nos semblantes. Foi a Russa a primeira a quebrar tal silencio, fallando de S. Pedro, que, com as chaves do ceu á cinta, estaria pronto a abrir-lhes as portas da bemaventurança (com alguma parcialidade bonacheirona, entende-se). Era uma imagem de velho barbado, careca como S. Braz; mas de melhor feição. O seu olho mortiço acarinhava os pequenos; o seu amplo roupão galileu, que lhe preservava o corpo contra o frio, deixava-lhe a garganta á mostra; as mãos suspensas no ar saíam das mangas largas, oferecendo aos que o contemplavam, entrada na mansão celestial... Este aspecto de bondade não foi bastante para conter o sentir irreverente das crianças, quando Luisa sentenciou :

— Aquelle velhote eu o arranjo...

E foi á sacristia, trouxe a toalha a que o celebrante costuma-

va limpar os dedos humidos. Subiu ao altar, envolvendo a garganta do apostolo, dizendo-lhe com fingida ternura :

— É para se não constipar. Este frio e chuva podem-lhe fazer mal, coitadinho. Parece agora o conselheiro da Tôrre Velha, com a manta enrodilhada ao pescoço, quando vem ás nossas festas! . . .

Houve gargalhada geral pela acertada comparação. Todos o apontavam com os deditos arroixados, apregoando: «Olha o conselheiro da Tôrre Velha, quando vem ás nossas festas! . . .»

Seguia-se a imagem de Nossa Senhora da Consolação, tão respeitada e venerada em toda a redondeza! A sua face serena, composta de sorrisos de rosas, impunha-se com a tradição dos seus numerosos milagres. Tinham-lhe sempre ouvido chamar *Rainha do céu*, consoladora dos aflitos e que trouxera no seu ventre o Salvador do Mundo. Aquelles seus olhos azues acolhedores, consolavam os desgraçados; ninguem se lhe acercava, que não sentisse alivio no coração. A ella, como a Santo António, tinham dirigido fervorosas preces, para curar os bois do Sarabanda. Era o motivo que ali os havia reunido e não podiam esquecer os animaes, que estavam na corte, esperando, serenos e confiados, o resultado da benevolencia celeste, para voltarem á sua pastagem, e a enfeitar os campos com a belleza dos seus grandes corpos. Por isso, Luisa, com voz séria e acatadora, lembrou :

— Que lindas flores naqueles vasos! Arranjamos-lhe uma corôa . . .

E logo a teceu com as suas mãos ligeiras e habilidosas. Subiu junto da imagem, e como não lhe pudesse chegar á cabeça, enfiou-lhe a grinalda no braço protector, que a Virgem estendia distribuindo bençãos, aos que della se aproximavam.

* * *

O abbade e o sacristão chegavam, nesse momento, á porta da sacristia. Como não ouvissem lamentos de reza, entenderam que as crianças, cumprida a devoção, já se teriam retirado; mas logo os surpreendeu o estrídulo de risadas infantís.

— Queres tu ver Domingos, que fazem lá dentro praça de entrudadas?! — considerou o padre Celestino, carregando o sobreolho.

Entraram e appareceram no alto da capella mór. Não se enganara o abbade! Luisa descia do altar tendo deposto a sua corôa

de homenagem no braço de Nossa Senhora da Consolação ; porém os seus companheiros gargalhavam deante dos altares das imagens mascaradas. O assombro foi maior que a suspeita ; porque a irreverencia não tivera limite. Santos tão beneficentes e respeitados em figuras de truões de feira ! A sanha do sacerdote, a sua physionomia apoplética de ira, eram legítimas. Ergueu no ar a bengala vingadora, caminhou com o sacristão para o ajuntamento dos atrevidos, dizendo :

— Então que pouca-vergonha é esta, na casa de Deus ! É a religião que lhes tenho ensinado, seus grandes patifes ! . . .

Surpreendidos nas suas travessuras sentiram, no primeiro instante, a indecisão do mêdo. Mas logo o instincto de conservação lhes poz azas nos pés, e como estivesse aberta a porta da entrada, fugiram em tropel, com a Russa á frente, que dizia de voz em grita :

— Então não é o tempo dos caretas ? ! Estes santinhos, aqui sempre presos, tamem querem jogar o entrudo.

Sumiram-se no ádro. O padre Celestino repreendia o Domingos ; mas já sem cólera :

— E para isto interrompi eu a minha reza ! É a devoção que lhes viste ! Cebolório amigo ! . . .

— Estou-lhe envergonhado, senhor ! Mereciam grande castigo. Coisas da maluca da Violanta. Eu nunca devia ter acreditado . . .

O abbade, apreciando benevolmente o disparate que via, disse com modo natural :

— Que amanhã tenhamos nós de lhes tapar as cáras. Olha-me aquelle S. Braz com o cartuxo do arroz na cabeça ! Não está nada mau ; porém vae-lh'o tirar, que se aparecem por aí os Sousas, para as suas devoções, hão de dizer que foste tu que lh'o poseste. E não diriam mal ; porque a culpa é toda tua, em deixar a igreja entregue a rapazes. Quando elles vierem á doutrina, eu os ensinarei ! As mães hão de me ouvir ! . . .

Reparando, porém, na corôa da Senhora da Consolação, tecida pelas mãos destras de Luisa, considerou :

— Vá lá, que respeitaram aquella imagem ! Alguma coisa tem proveitado com as minhas praticas do domingo. Ella mais que S. Thomé, o nosso padroeiro, que tambem não teve nada, são os verdadeiros donos da casa.

III

Quando Luisa entrou na puberdade, evidentes transformações appareceram no seu corpo, no seu espirito e no seu character. A magreza quasi esquelética desapareceu, reforçando-se-lhe os ossos e os musculos, mostrando mais do que uma esperança de mulher. Os seus cabellos de fogo escureceram, como se o brazido da cabeça, agora vivesse escondido no rescaldo. A pelle leitosa, picada de sardas, pigmentou-se atirando para o moreno nacional, enchendo-se-lhe as covas da cara do brando tecido, que dá á mulher, a suavidade no sorriso. A sua voz delgadita adquiriu notas graves, mais melodiosas; o torax espalmado e infecundo, arqueou-se na redondeza dos seios; e as ancas escorridas da garôta, encurvaram-se num exterior de promessas. Com estas mudanças acalmaram-se-lhe as fulgurações dos nervos; os ataques de tristeza, que ainda tinha, já não eram acompanhados de tremuras convulsivas, como quando a recolhiam á cama. A sua expressão facial e o meneio de todo o corpo eram mais repousados. Em certas epochas do mês sentia abatimento depressivo; mas, no mais do tempo, era convivente e até lhe vinham explosões de alegria, que lhe davam para cantar modas populares ou ao divino, com uma voz tão linda, que parava gente a escutal-a. A sentença do velho Lamarck, «que o espirito tem a sua puberdade, como o corpo», verificava-se em Luisa, que dos quinze para desasseis annos, nunca mais se lembrou de alarmar Refuinho, com diabruras, que a todos incomodavam. Ao contrário, mostrava-se agora comedida e até receosa, sem saber de quê; recolhida nas palavras e composta nos gestos, como se tivesse saído dum convento. A mãe, queixava-se que não era tão prestimosa, como dantes, nos trabalhos caseiros; sentia-a menos desembaraçada e menos propensa á lida ordinária duma creatura, que viria a ter um marido e todas as responsabilidades domésticas e de filhos, os quaes teria de crear. Parecia que na vida ordinaria, Luisa mostrava anormalidades: as suas mudanças subitas de alegria para tristeza e vice-versa, não eram comprehendidas, por aquelles com quem lidava. Desapegara-se das suas antigas companheiras, conservava-se por casa o mais tempo que podia, chamavam-lhe até *senhora* com acinte, por estimar muito os trabalhos de agulha. Exceptuando a ida para o rio lavar a roupa, o que preferia por ali se encontrar escondida entre arvoredos copados, fugia de andar por fóra. Em dias soalheiros,

quando outras procuravam a bulha das romarias e festas, ella buscava o silencio das mattas, onde a luz do sol é menos excitante. Sósinha, chorava ali sem motivo, e não sabia explicar, a si mesma, a causa da sua tristeza. Amava o semi-mystério da penumbra; mas não gostava do mystério da noite, suffocando o choro, para não alarmar a mãe e os irmãos com gritos. Nos dias vulgares, as cantigas da borda do rio, sósinha entre salgueirae e amieiros densos, acompanhando-se do bater da roupa na pedra do lavadouro, espantavam-lhe, em revoadas, as suas ideas tristes. Os sons vinham-lhe á garganta espontaneamente, como trinos de passaros, e elevavam-se pelo céu azul, em ondas, que embalariam as proprias nymphas, se a pudessem escutar. Preferia estar isolada, para poder alargar na amplitude a voz sonora e bem timbrada. Mas num dia, numa manhã ditosa de sol quente, um poeta de cabellos brancos, como o bom Anachreonte, escutou-a elevado, abandonando a cana de pesca, para se aproximar, atraído pela melodia avassaladora. Era o bom velho José Fortunato, que deixara em repouso a querida flauta e ali viera, espreitar as trutas e do mesmo passo recolher inspiração, para novos devaneios poéticos e musicaes. Estava o mestre-escola quieto e silencioso, requerendo com suas astucias o manso peixe, que serenava, quando no ar puro se ergueram os primeiros acordes do canto de Luisa. Imaginou viver em pleno sonho! A sua innata simpleza, trouxe-lhe a idea de que seria o génio das ribeiras, que o quizesse seduzir! Custava-lhe a crer que de garganta humana podesse sair tanto sentimento. Era a alma de Pan, exprimindo-se na avena pastoril, nos velhos tempos do Lacio! . . . Despresou a cana, esqueceu as trutas, principiou a chegar-se cauteloso! . . . Que não afugentasse Euterpe, que julgava ir encontrar coroada de flores, escondida na sua gruta, a despertar Echo com o seu canto! Já estava perto de onde os sons brotavam, abeirou-se mais subtil, afastou cauteloso os ramos dum salgueiro odorifero . . . e que viu?! . . . A Russa, aquella a quem muitos ainda chamavam a maluca, ensaboava tranquila a sua roupa. A voz maravilhosa saía della, simples e espontânea, tal o perfume, que sae da flôr! Alargava-se no ar quieto, como a luz se alarga no espaço ao alvorecer! Os rouxinoes estavam mudos, a escutal-a. O velho professor, nem podia fallar de assombrado! As suas mãos sentiam-se paralyticas para o aplauso: tamanha era a sua commoção! . . . Numa palavra humilde, mas de apotheose, exclamou:

— És tu rapariga?!...

Luisa, surpresa porque se julgava só, ergueu a face... Fitou-o com olhar de onde o mestre-escola julgou ver sair luz divina!... Aquelle rosto magrinho, sobreposto de cabellos venerandos, enquadrado na moldura de ramos de salgueiro, deu sobresalto á lavadeira, que disse rindo:

— Estava aí senhor José Fortunato!? Canto mal? É que não aprendi. Ensine-me vocemecê.

— Mal! Como os anjos do céu! Como os anjos! — repetiu com sua voz trémula de embaraçado sentir.

— Anjos!... anjos!... Anjos são os meus peccados, que tenho aí um rôr de roupa para lavar! Minha mãe m' o dirá em casa!...

A resposta trivial desfez o sonho do visionario! Voltou triste á cana de pesca, sem dizer palavra!... Quanto melhor fôra ter-se conservado no seu imaginar deusas, que o quizessem encantar! Mas o gozo sentido fôra tão forte, que o não pudera apoucar a desillusão! Voltando a casa, de cana ao hombro, ía cantarolando o que ouvira. Reentrando no modesto quarto, quieto sacrario do seu imaginar, tomou a flauta e seguiu a inspiração da voz escutada, entre o copado arvoredado. E logo fixou no papel o divino trecho. Nêsse dia e nos seguintes andava tonto de felicidade! Logo que deixava os rapazes recolhidos á cella, como um monge, a viver a sua vida mystica. Tomava a penna e alargava a inspiração sobre o motivo musical que o encantara. A irmã, extranhando-o, inquiriu:

— Sentes-te doente, José?!

— Não, mulher, não! Sinto-me com mais saude do que nunca. Encontrei Euterpe, sabes? Encontrei Euterpe coroada de flôres na sua maravilhosa gruta!

Fechou rapido a porta do quarto, para não perder o que levava na mente excitada. A flauta principiou a fallar com a sua alma dolorida, e Perpétua resmungava suspeitosa:

— Encontrou quem?... Quem é que elle encontrou?!... Parece-me, mas é, que meu irmão anda variado de juizo!...

Nêsse dia de tarde, foi José Fortunato a casa do abbade, revelar-lhe o seu grande achado.

— Senhor — disse glorioso — trago-lhe uma novidade, que o vae encher de orgullo, como me encheu a mim.

O padre Celestino, homem de nervos ordinarios, precavido contra os entusiasmos poéticos do mestre-escola, saudou-o:

— Muito estimo, senhor José Fortunato, que me traga nova de alegria! N'esta tristeza da aldeia, uma novidade é sempre bem-vinda.

— E que novidade e que alegria, meu reverendo amigo! Saberá que tem entre as suas ovelhas um rouxinol.

— Alto lá! Ovelha e rouxinol são animaes muito diferentes! — comentou mofando. Quererá dizer, que ha na freguesia uma rapariga com linda voz?

— Mas que voz, senhor abbade, que voz divina!

— Não chame divino, ao que é terreno, meu caro amigo! É um peccado, como sabe. Mas quem é esse prodigio?

— A filha da Violanta! Ouvi-a, quando lavava a roupa!

— Quem, a maluca?! Ora... deixe-se de espantos! Essa enganou-me uma vez, não me enganará duas.

— Estava eu na borda do rio, com minha cana ás trutas...

— E pescou alguma?!... — continuou o sacerdote chalaçando.

— Não senhor, nem me importei mais com a pesca, desde que escutei aquella voz admirável!

— Então ensine-a o meu amigo, para ella brilhar nas novenas da Senhora da Consolação.

— Que lhe posso eu ensinar! Aquella garganta exige mestre superior. É diamante bruto, que polido por um artista, dará brilho extraordinário! Lembrei-me então de que Vossa Senhoria a podia recomendar ao senhor padre Villela, para a fazer entrar nas Urselinas em Braga.

— Esse *senhor* padre Villela é um caturra, com quem estou de mal actualmente. Pregou-me uma partida...

— E o senhor Arcebispo, não se poderia interessar pela rapariga?!...

— Qual! O Prelado tem coisas de muito mais vulto, para encher os seus descанços. O meu caro José Fortunato exagera de certo. Essa môça, o que é, é uma atrevida. Lembra-se de quando ella, num entrudo, mascarou os santos de nossa igreja? Também enganou o Domingos, dessa vez.

— Foi tempo, senhor abade. Agora anda com todo o propósito — concluiu desilludido.

* * *

Desajudado de todo o auxilio, para empreender a obra magnifica de crear uma alma artística, José Fortunato, fa tental-o

só. Saiu da Residencia arrependido de ter confiado aquelle segredo da sua alma de poeta, ao sacerdote. Não era homem para compreender as delicadezas da arte; incapaz de admirar a flôr esplendente duma vocação musical! Um padre trivial, como são casi todos — pensava ressentido — só proprios para dizer a sua missa, para lêr o breviário, cuidar das hortaliças e das fruteiras do pas-sal. Quanto ao mais, este passava a vida e empregava a sua ac-tividade, em aliciar opiniões contra o brasileiro Cerqueira de quem era inimigo. No respeitante á arte divina do canto, era vêl-o na festa da Senhora da Consolação ou na do orago S. Thomé, a rouque-jar a *Gloria* ou as palavras do *Credo*! Uma verdadeira sanfona, peor que velha nóra a tirar água do rio! «Tem alma ordinária, só capaz de compreender a vida animal — resmungava com desdem»! Que enorme sacrifício, José Fortunato não fazia, quando tinha de emprestar os sons da sua querida flauta, para o acompanhar no lindo solo do *Agnus Dei*, da inspirada missa do mestre Varella de Ponte do Lima! Ocorrera-lhe em certas ocasiões a idea de lhe berrar do côro: «Cale-se homem!», pois a desafinação do padre Celestino, assassinava o trecho commovente! Aquilo implicava-lhe tanto com os nervos, que até se lhe percebia na embucadura tré-mula da flauta! Notas saídas de garganta tão grosseira feriam-lhe os ouvidos, como se fôsem pregos a furarem-lh'os. Que pena, uma música capaz de levantar os mortos das suas campas, as-sim estropeada, por um tal desafinador! Como era diferente o afa-mado tenor Alexandrinho, que no grande solo de algumas pala-vras do *Credo*, era admirável de vocalisação! Então é que José Fortunato, alma sensível, sentia em si todo o poder sublime da arte! Aquelle seu corpo pequenino de inválido, quebrava-se e re-quebrava-se; agachava-se nos graves e erguia-se ás nuves nas notas agudas! Muita gente chegava a recear que o pobre caísse no chão desamparado, quando, para egualar *no crescendo* a voz límpida do Alexandrinho, alteava o corpo nos bicos dos pés! No final viam-no sempre limpar lágrimas do gozo, que sentira. Como Dominico, que pintava de joelhos a luminosa fronte de Cristo, assim José Fortunato desejava tocar o trecho sublime, voando aos pés de Deus! . . .

Por isso, que loucura fôra essa de procurar o inesthético abba-de, para o auxiliar num empreendimento artístico! Nem elle mes-mo o compreendia! . . . Quando se viu no caminho, escorraçado pelo riso chacota do padre Celestino, depois de *elle* lhe ter afir-

mado, que Luisa guardava na sua garganta desconhecidos tesouros, exclamou, accionando para as arvores :

— Aquelle pápa-hostias, havia de compreender tal cousa? Quem me manda a mim ser asno! . . . É um sapateiro a tocar rabecão! . . .

Mas caminhando no seu passinho meudo, dominava-o certo ar triste e maguado, ao dirigir-se para casa. Encerrado no quarto, com a porta por dentro fechada, para sósinho curtir a sua dôr, exclamou erguendo os braços ao céu :

— Então isto hade ficar assim? Podemos deixar perder uma riqueza tamanha?! . . .

Deitou-se na cama de cançado, pela lucta interior, proveniente da conversa com o padre Celestino! Era como se tivesse chegado duma longa e fastidiosa jornada! Com a sua fé viva principiou a organizar novo plano, para tão bello empreendimento! Faria tudo que pudesse, com os seus magros recursos. A sua vontade era vigorosa, como o entusiasmo era ardente. Pensava em atrair Luisa a casa, para principiar a sua educação, com o pouco que sabia. Com rude chave ia tentar abrir aquele sacrario, aquella alma, para a vida luminosa da arte. Sua irmã Perpétua, não lhe recusaria o auxilio, que lhe ia pedir. Era esta a acalentadora da sua alma idealista, e nunca lhe faltara, com a sua admiração, com o seu aplauso, com o seu préstimo, quando lh'o requeria. O modesto caminho da sua vida, fôra sempre por ella desembaraçado de todos os abrolhos, para que elle passasse triunfante. Mais velha do que elle, servira-lhe de mãe, desde que ambos tinham perdido a sua. Quando José Fortunato tocava sósinho no quarto, quantas vezes Perpétua lhe não viera trazer caloroso parabem, interrompendo o labor de costura! Por isso o mestre-escola se lhe dirigiu confiado :

— Minha irmã: a minha flauta vive só e triste, precisa duma companheira, coitadita. A Providencia, mãe solícita dos humildes, fez-me encontrar na nossa aldeia, uma voz que me quadra. Queres ajudar-me a trazel-a para casa?

— E quem é, mano!

— A filha da Violanta.

— A Russa? É gracejo! . . .

— Nunca fallei mais sério. Ouvi-a cantar no rio, em quanto esperava as trutas. Aos meus ouvidos nunca chegou melodia igual! Deixei cair a cana, e fui vêr se era Euterpe coroada de flores! . . .

— Ah! Então é essa a tal sujeita que tu dizias ter encontrado, quando vinhas da pesca? Pois ninguém te acreditará mano! A Russa! . . .

— Pois é tão verdadeiro, como o sol que nos alumia! Se tu fosses ter com a mãe, para a deixar vir para cá, eu lhe ensinaria o que sei.

— Deita-me fogo, homem! Precisa della para o arranjo da casa! . . .

— Sempre a materialidade da vida! A arte acima de tudo, Perpétua! Vae-lh'o dizer.

— Esconjura-me, verás! Só se lhe prometter o ensino de costura e bordados, para que a filha ganhe melhor a sua vida!

— Magnifica idea! Anda depressa e convence-a. Aquelle tesouro não pode ficar escondido nesta aldeia bárbara! Tem futuro, grande futuro — sonhava.

Foi: depois de curto debate, Violanta consentiu, propondo-se tomar uma mocinha, que a ajudasse. Via a rapariga num mister senhoril, quasi igualada ás fidalgas de Refuinho! E rematou:

— Ella para isto da casa e dos campos, cada dia vae tendo menos geito. Dantes, quando era mais pequena, ainda *aquellava*, agora está uma desgraça! Leve-a, mas que venha dormir a casa, o pae não pode passar sem a vêr.

Luisa, consultada, aceitou com regozijo a mudança. Livrava-se da rabugenta mãe, que lhe corrigia os frequentes desleixos no trabalho, com gritos e safanões. A alegria da filha comentou-a Violanta dizendo:

— É isso que te serve, uma vida de calaceira, muito bem sentadinha com a agulha na mão! Mas olha que vens cá ficar por causa de teu pae, e para ires nos domingos e dias de feira, á villa vender o que houver, pois não tenho mais ninguém para isso.

(Conclue no próximo numero).

TEIXEIRA DE QUEIROZ.



O FESTIM DE BAAL-ZEBUT

O réprobo filho de Baalat, o que tudo nega, rejubila. Gnomos e bruxas, vampiros e feiticeiras, que o cercam, rodopiam em demoníaca farândola.

Tudo fosforeia à luz intensa do fogaréu, que seus mais dilectos filhos, os guerreiros de Woden, ateiam em destroços de templos com lenho de altares e esteios de choupanas, a guerrear sem tréguas, na infrene conquista da glória de morrer lutando, para alcançar assim a bemquerença dos Génios malignos e a suprema ventura de repousar, emfim, aos pés de Baal-Zebut.

A furiosa ronda de espíritos maus continua a girar, a girar, num demoníaco esforço de alegrar ainda mais o maldito filho de Baal, que estremece de gôzo às vezes, estrebucha de prazer e franze o sobrôlho para mais bem observar a infernal rudeza dos filhos de Thingsus, o mavórtico, e Frau Holle, a Dona do luar e Rainha dos *sabbats*.

A estonteante alegria dos que o cercam a bailar, saltar, pinoteando, arquejantes de prazer, não distrai Baal-Zebut da observação atenta que faz da luta sem tréguas que vai lá pelas regiões terrenas.

O festim celebra ruidosamente êsse mais cruel feito de armas que humanos teem praticado, em ânsia desesperada de agradar a Baal-Zebut, desde que perdida sentiram a esperança de redimir os pecados antes do *dies irae*.

A diabólica farândola a cada instante aumenta com o esforço dos que veem lá da terra, satânicamente gloriosos, radiantes por ter violado, destruído, matado tanto, tanto, que, emfim, lhes foi concedida a almejada recompensa de compartilhar, *ab eternum*, da diabólica alegria daquela demoníaca farândola.

De entre êsses, no entanto, surge um que protesta, grita e esbraveja, torcendo nas mãos o desabado chapéu fuveiro e batendo violentamente no chão os sócos de madeira rija

Esse em tudo difere dos outros. Tem jaleco e calções campónios, não se aproxima dos companheiros de jornada, quási todos em fardeta, e pagalhes em murros e tabefes, pontapés e cachações o menor esgar de mofa que lhe façam.

Baal-Zebut estranha a irritação do recém-vindo, tão certo está de que só o procuram e pedem-lhe acolhida os que, por gôsto, há muito abandonaram de vez a aspérrima senda do Bem, a angustiosa trilha que vai ter aos céus.

— Aproxima-te, *quási uivou Baal-Zebut, atordoando o campónio, mas êsse, de irado, encarou-o e resolutamente falou-lhe:*

— Réprobo filho de Baalat, escuta-me! Falo por todo um povo; escuta, portanto, e atentamente o meu protesto, Baal-Zebut!

Que tu acolhas a quaisquer infames sem distinção de côr, casta ou classe... outro não é o teu misérrimo dever; que te chafurdes prazeiroso aqui, neste tremedal de todas as podridões... essa é a tua sina, Baal-Zebut; que te apraza êsse meio e tal companhia, seja; mas desceres a ladrão vulgar, tu, filho de Baal e Baalat, descendente dos mais altos deuses, da linhagem de Holde, cuja estirpe nasceu antes das mais remotas lendas renanas; tu, de prosápia divina, podes requintar em ruindade, se ainda o conseguires, mas, nunca, nunca! descer a vilão salteador de estrada!

— Oh bruto! *resmungou Baal-Zebut afastando-se.* Quem te chamou aqui? E pedi-te conselhos? filaucioso sacripante. Se para cá vieste, foi por gôsto. Agora... fica prá i.

— Nego! Isso nego eu; nego! e negarei com quantas fôrças tenha! *esbravejou o campónio.* Para aqui não viria por nada. Cá estou porque bruxos e gnomos, de parçaria, a uma voz de Woden, o jovem teutão, roubaram-me à terra wallon e meteram-me aqui, a mim que, por nada, deixaria sequer um momento a trilha do Bem.

Não contente da horda sem fim que te procura agora a cada instante, já cansada de pisar os meus trigais, tu, Baal-Zebut, começaste a fazer pilhagens, roubar ao mundo ou aprisionar, na senda que vai ao céu, almas que te não pertençam.

Tu roubas, Baal-Zebut, e por isso prendeste-me aqui, mas hei-de me vingar, provando à tua nefanda e misérrima grei quanto degeneraste dos teus maiores, dos grandes que te houveram, a ponto de seres agora um reles salteador de estrada!

— Ahriman que te entenda! *irado uivou de longe Baal-Zebut.* *E ainda mais brusco perguntou aos da farândola:*

— Com mil raios! Que bruxa ou tritão ousou trazer-me à fôrça tão grande louco e bruto?

— Eu, *gritou de longe uma forçuda, clara e loura valquíria,* *que há muito viera ter aos infernos no séquito de Woden.*

— É porquê? *uivou de novo o filho de Baalat.*

— Porque a meio da jornada quis fugir, escapulindo para os céus, a pretexto de que não fizera jus à nossa estima, Grande Pai, Baal-Zebut.

Ora, êsse que aí vêdes foi desencarnado na estrada de Aerschot, perto de Malines, quando se ocupava em caçar gente nossa, como a velha Holde escolhia raparigas para os *sabbats*. E não penseis que êsse rude, mais falso que Loki, abateu dois ou três

dos nossos. Êle, e outros que ali estão, aniquilaram tanto e como Gigantes quando invadiram Asgard e massacraram os deuses.

Agora, também um grande incêndio devora o mundo e destrói humanos, mas, se vos escaparem êsse e outros que tais, a vez de vencer caberá aos pigmeus dessa maldita casta. E aos Gigantes, Grande Pai, Baal-Zebut, só restará então o consôlo de caírem lutando, se os não tombar à traição o danoso tiroteio furtivo dos campónios wallons.

Calou-se a valquíria um instante e logo o altanado campónio tomou-lhe o passo e abafou-lhe a voz, quando ela tentou recommear a acusação:

— Hélat, a taciturna deusa da morte, que te diga se estou a mentir. Nunca, Baal-Zebut, nunca derribei um homem. Atirei muito, quanto pude, mas contra um bando de bêtas-feras ruivas que me invadiu as terras, destruiu o trigal, queimou as herdades, trucidou os filhos, violou as filhas e não me aniquilou a mim, porque pude a tempo guardar-me dêles para os destruir, destruindo-os quanto me foi possível.

Os da horda eram feras ruivas, garanto-te; não eram gentes, que só feras e das mais ferozes fazem o que êles faziam. Faziam! sei lá! talvez ainda o façam, porque, desgraçadamente, quási toda a gente da minha pobre terra já de lá partiu para a mansão dos justos. Só eu e aqueles aqui viemos ter porque nos roubaste aos céus, salteador Baal-Zebut.

Digo e repito, gentes não são os sat... destruidores da minha rica pátria e hospitaleira gente, que também na maldade o humano não supera os deuses e nem êsses, por mais irados, fariam atrocidades tais.

Não cessas de observar o que de horrível vai lá pela minha pátria wallon. Regala bem os olhos, atenta e escuta a peleja sem tréguas em que os meus defendem a terra amada, julga com olhos e ouvidos, que só assim poderás julgar em casos dêsses, e diz depois se, por ter de humano o vulto, é gente a horda infrene de bêtas-feras ruivas que me destrói as herdades e mata aos meus sem causa nem pretexto, à revelia dos deuses vingadores, — padroeiro dos quais sempre foste — e, sem, mesmo, recorrer às fôrças malsãs que só a ti cabe agitar na terra.

Estás inquieto. Escuta-me e reflecte que falo por todo um povo que teus prosélitos estão a destruir e por nada incorreu na ira dos deuses.

Lembra-te, Baal-Zebut, que tua missão não é fazer o mal pelo mal, mas fazê-lo para ensinamento, como castigo divino.

Êsse não é o caso de agora, porque bēstas-feras ruivas estão a aniquilar a boa gente wallon que teme os deuses e respeita os homens.

— Cala-te vilão! *tonitroamente falou Baal-Zebut.* Aqui estás e de aqui não sairás, sossega. És bem rude para ignorar que tudo evolui, ininterruptamente, nada cessa de modificar-se e a essa lei fatal nem escapam os deuses, mas . . .

Sabes lá o que quer tudo isso dizer, filaucioso campónio?

Que a moral divina também mudou com os tempos, é bem outra agora no julgar os teus misérrimos semelhantes lá da terra.

Ouve. É que há muito já cansámos de ensinar aos homens a moral dos deuses, vilão, essa que é uma contínua marcha em frente, mais ou menos célere, mas sempre avante, numa eterna ambição de realizar sonhos que são miragens, na conquista de um ideal desgarrado no infinito, lá onde os divinos mestres repousam.

Recorda-te! Povos e povos foram eleitos dos deuses para guiar aos mais por essa trilha, mas, em pouco, todos tresmalharam e alguns até hoje continuam errantes na fé, nómades no espírito, êles que tiveram dos deuses roteiro com a trilha certa que vai ter aos céus.

Pensa que homens e homens lá na terra agiram por inspiração divina e, a todos, nenhum de teus maiores, campónio wallon, nem os de outra qualquer gente, os souberam imitar e muito fazem os que, ao menos, ainda os veneram, incapazes que são de lhes seguir o exemplo.

De outras vezes, bem o sabes, teem os deuses desencadeado os elementos e afogado os homens em pó, em cinza, em lama, em água . . . para ensinamento dos mais e castigo de muitos, mas tudo em vão, nada lhes corrigiu os vícios originaes, campónio wallon.

Agora, não. Que homens como homens julgados sejam, é a ordem que vem lá dos céus.

Nada de os dar como deuses em génese, capazes de visar um ideal, de lutar à conquista da perfeição. Êsse é sonho de filósofos e poetas, escapa às cogitações contingentes da vida terrena.

Que homens como homens julgados sejam, ordenam agora os deuses e lá na tua terra wallon como em Ceilão ou na Patagónia, assim os julgarei eu porque tudo se transforma, evolui, não cessa de mudar e a máxima razão de ser do teu mundo é a vida, cam-

campônio wallon, vida que se manifesta nas forças universais que sustentem o orbe no espaço, dão seiva à planta, vitalidade ao animal . . . eternamente agitam os elementos terrenos em contínua mutação.

Agora, meu campônio wallon, eleito dos deuses é o povo mais apto a revolver o mundo, mudar-lhe a feição, fazê-lo progredir, que progresso é só o ideal compatível com homens. Perfeição é utopia de filósofos e poetas na ânsia de igualar os deuses. Lá nas regiões terrenas êsse é ideal de seres geniais que de loucos vagueiam o espírito. Não é a tal gente que cabe agora jogar com os elementos e guiar os homens. De ora em diante os senhores da terra serão os guerreiros de Woden, os dilectos filhos de Thingsus, o mavórtico, e Frau Holle, a Dona do luar e Rainha dos *sabbats*.

A pouco e pouco estavam os homens a perder energia, e ia assim lentamente o mundo retardando sua marcha, a desperdiçar forças em cousas vãs, debilitando-se, até, inânime, despenhar-se como um bolide, para sempre desgarrado no espaço.

A vida é a razão única de ser de teu mundo, campônio wallon, e a própria fôrça que faz o orbe terráqueo girar em tórno do sol, que é fonte de toda a sua energia vital.

Êles, os filhos de Woden, hão-de vencer, campônio wallon, pois só a êles cabe agora por mérito a honra insigne de guiar o mundo através dos séculos. São os mais homens dos homens, porque são os mais fortes. Só êles merecem a graça dos deuses; são dignos da terra que os tem por filhos.

É assim que a justiça divina agora julga os homens, campônio wallon.

Que homens como homens julgados sejam, é ordem dos deuses e dêsse julgamento depende êles aqui ficarem ou irem ter aos céus.

— Então, *pregunta o campônio wallon*, as bêstas-feras ruiyas que me invadiram as terras, destruíram os trigais, queimaram as herdades, mataram-me os filhos, violaram-me as filhas, e tentaram aniquilar-me de vez a mim, temente e honesto, são êles agora os eleitos dos deuses, os que merecem a mansão dos justos, a paz dos céus?

— Por fôrça que sim, *diz Baal-Zebut*.

— Ah! Então, *de irado gritou o campônio aos da sua grei*, fiquemos aqui, bailai e cantai amigos e não tentemos ir aos céus, que lá estão os nossos algozes e nem junto aos deuses queiramos o seu convívio, nunca! nunca!!

O mundo agora é dêles? que o seja! se tanto apraz às velhas divindades. Nós é que, com êles, nem para os céus queremos ir.

E jubilai, amigos, por não terdes alcançado a graça divina de repousar na que foi mansão dos justos, e é agora paraíso dos fortes, dos brutos, da bestial espécie de gente que nos tomou as terras.

Julgam os deuses a homens como homens e só por isso aqui viemos ter? Pois revoltemo-nos contra os deuses, se preciso fôr, mas não aceitemos por boa a Justiça que manda aos céus nossos algozes, porque, se homens como homens julgados devem ser, só homens, também, os poderão julgar. E nós, que sempre honrámos a terra wallon, decidamos, então, como juizes. Somos limpos de culpa, segundo a moral que nos rege e aos semelhantes — a única em têmos de julgar a homens como homens — e essa condena as bêstas-feras ruivas que nos tomaram as terras. Condenados, portanto, sejam êles, sem remissão e, mesmo, à revelia dos deuses!

E, a um tempo, todos os campónios levantam os braços em sinal de assentimento.

— Os deuses desvariam? *continuou o rebelde wallon.* Pois bem, não queiramos o seu convívio!

Mais não serão êles que nos repilam, amigos; somos nós agora que os repudiamos e definitivamente! Se é que desceram a julgar homens pela moral dos homens e elegem a brutos, ergamos bem alto nossa alma e julguemo-los segundo a moral dos deuses, condenando-os ao nosso eterno desdêm! porque deuses não são os que sobrepõem a matéria ao espírito, a fôrça à razão, a vontade à fé!!

Resignemo-nos, campónios wallons, que, se os velhos deuses desvairaram, um Deus mais forte, o nosso, o Grande Deus, há-de castigá-los sem remissão! ficai certos.

E então soará, enfim, para nós e nossa terra wallon, a hora do desagravo, companheiros.

Resignai-vos amigos, e, pacientemente, aguardai o *dies irae*. Será o nosso grande dia e êle não tarda!

E êsse é o credo que faz tão forte a fraca gente vítima da guerra de agora.

Rio, Dezembro de 1915.

HENRIQUE DE DACIA.

Ronald de Carvalho

Le silence, seul luxe après les rimes, seria como dístico o melhor que descrevesse ou sugerisse a sensibilidade scheherazesca desse poeta de essência superior que é Ronald de Carvalho.

A incoerência que existe como um paradoxo entre o dístico que preludia estas palavras e a nossa intenção é aquilo que exatamente caracteriza em todos nós o contraste, um dos aspectos elementares da nossa alma.

Todo o indivíduo é logicamente ilógico. O silêncio é o melhor ornamento de todo o puro pensamento, como toda a existência literária é uma solidão e a circunstância de falar só é bela porque revela . . .

Contudo quais as pessoas de Ideal capazes de conter um silêncio que, muitas vezes, pode traduzir o erro das nossas intenções? Quais serão os olhos capazes de descer as pálpebras em frente do amanhecer do seu próprio entusiasmo, até ir ao ponto de não celebrarem, litúrgicamente, o ofício da arte que é o mistério nas letras?

Ronald descreve com o seu espírito a trajetória de um meteoro fugaz, cuja cauda luminosa sulca em pleno céu um caminho de estrêlas.

O seu talento de emigrado, de um século assombrado em demência, eleva-se até ao exílio da sua própria arte, de forma que os seus olhos tristíssimos de sonho não reparam nos contornos banais da perspectiva humana.

A sua consciência como o seu sonho elevam-se para além dos limitados horizontes da vida.

O sentido que êle tem do *heróico* é a manifestação exacta da sua architectura espiritual.

A argila da sua alma sofre e delira Deus. Toda a beleza é um fenómeno explicado por si, e por isso, a sua obra é êle com todos os seus sentimentos, fenómeno esclarecido de sonho, de dôr e de ideal. O misticismo heróico ergue-o nas asas da aventura, e ei-lo, transtornado de noite e de estrêlas, absorto em Deus, erguendo-se aos cumes do Himalaia dos seus sonhos.

Não será o fundo de toda a moral mística *tocar ou comunicar de certa maneira com o infinito*, desde que, — só e em si, — cada ser ou cousa se transforme em mónada religiosa do pensamento de Deus?

Toda a sua obra, pois, se alimenta dêsse grande sentimento universal, que nêle é o ponto mais elevado da sua arte, porque é o vago a idea que o poeta faz do desconhecido, no qual flutuam os seres e as cousas que êle evoca como no fundo de toda a pura espiritualidade: êxtase, espasmo, mobilismo ideal!

Para êle o vago é a architectura abstracta de toda a contemplação . . .

E são exactamente o vago, o irreal, o artifício, os três elementos principais da sua obra. O vago e o irreal são o fundo de toda a sua poesia.

Toda a obra de arte é para êle a fatalidade do sub-consciente; a realização, a transplantação do divino para o real, a imagem perdendo a sua íntima presença, o poder das analogias contrastando: a vida seguindo o gesto, o rio seguindo o sonho, uma vaga sombra projectando o mundo de uma Asa, o rumor sugerindo *não sei que ritmos* da profunda orquestra da nossa alma!

O outro elemento, o artifício, serve-lhe para a Beleza como auréola!

— Que é o seu simbolismo senão a evocação do mistério pelo símbolo, a comunicação de uma sensação pelo ritmo?

— Que é aquele torpor de ritmos abandonados, aquela obsessão de esplendor, aquele instinto fulgural de *décor*, senão o ouro estranho do seu espírito, as pedrarias literárias da sua imaginação feérica?

O génio evocador, o poder artístico e espiritual que o tornam no Zodíaco de todas as gerações modernas em signo quimérico de um mistério alado . . .

Toda a sua obra, de um esplendor lânguido e triste, tem um sentido oculto que o seu espírito aracnídeo e maravilhoso revela e a sua imaginação vincula.

Tudo na sua vida fala a sortilégio.

E por isso mesmo, o seu virtuosismo em arte, aproxima a sua espontaneidade da orquestra! . . .

LUÍS DE MONTALVOR.

Claro de Lua

*Sonho-me Aparição num jardim que entardece,
a cada passo vóa um desejo perdido...
Sôbre a tua cabeça o meu lábio estremece
e as minhas mãos, ao luar, vagueiam sem sentido.*

*Repuxos, violoncelos a chorar, é mágoa
a luz que anda a morrer e a sombra que cogita.
Vem para mim que estou com os olhos rasos de água,
vem dizer a canção mais doce e mais aflita.*

*Legendas de além-mar nös olhos da quimera
leio-as eu pela bruma, assim como um gageiro,
e o teu corpo a ondular, ao longe, é uma galera
e uma festa nupcial de velas o nevoeiro.*

*Ó desejada, ó inatingida e irreal criatura,
por ti andei perdido por mim mesmo, a orar,
sagrei-me cavaleiro e, quebrada a armadura,
meu coração floriu como uma rosa no ar.*

*E que essência imortal envelhece em teu riso
de onde rola o Destino em corolas fanadas?...
(todo o espaço estremece, é olor, lume indeciso,
gestos que vão abrir e palavras cansadas...)*

*Ah! teu amor é assim, longo como um adeus!
sempre a recomeçar e se logro tocá-lo
o óleo queima na lâmpada dolente e os teus
braços se afastam para a sombra aonde resvalo...*

*Tristeza de ser só e de encontrar-se em tudo,
ah! unir-se é sofrer, em silêncio, outra vida,
é um lábio a interrogar o nosso lábio mudo
e uma voz a inquietar a nossa voz dorida.*

*Sonho-me Aparição, sou desejo e memória...
no aquário dos meus olhos a água morta treme
e a tua sombra luminosa e transitória
passa lenta a oscilar no ouro de uma trirreme.*

RONALD DE CARVALHO.

A linguagem alto-minhota e a literatura

Numa época, em que o omnímoto estudo da grei portuguesa, tanto de outrora, como de hoje, se generaliza e aprofunda e impõe, a própria literatura não deve desabraçar-se desta orientação, que não é só científica, é também patriótica no mais elevado grau.

Um livro de recentíssimo aparecimento revela a compreensão, por parte do seu autor, dêste profícuo dever literário; mas (o que reputo mais espinhoso) também documenta o seu desempenho pela forma amena, leve e atraente do romance, escrito sem a affectação de um têmea didacticamente desenvolvido.

Refiro-me a uma brochura literária, em que o carácter regionalista se afirma, em moldes palpitantes e hodiernos, com aquella diluição de elementos comprovativos, que só um escritor de verdadeira eleição pode e sabe conseguir, sem resvalar em sábias impertinências: o *Ao Sol e à Chuva* do romancista e académico, Dr. F. Teixeira de Queiroz.

Não pretendo elaborar um juízo crítico desta ou doutras produções do meu brilhante conterrâneo; a competência para tarefas desta casta, só chega a florescer ao cabo de intensos estudos de preparação literária, e o nome do autor da *Comédia do Campo* não pode abater-se à apreciação de quem quer que surja sem a especial autoridade, que, por aquelle motivo, inteiramente me falta a mim.

Mas, nascidos os dois debaixo de telhas tão convizinhas, que fomos ungidos, com diferença de poucos anos, no mesmo baptistério de granito e penso até que pela mão do mesmo velho aba-

de, cuja figura solene e pàstoral revestia uma grandeza prelatícia, são-nos conhecidas as mesmas devesas de sombras húmidas, os mesmos regatos de curso refervente, os mesmos costumes de velho bucolismo, os mesmos trajos raiados de multicolores ondulações.

E por isso, é-me lícito sentir bem a verdade das repercussões, que a etnografia e a paisagem minhota encontram nos trabalhos literários do Dr. Teixeira de Queiroz.

É em virtude desta feição particular, que tenho o convencimento de que as obras do meu illustre conterrâneo hão-de perpetuar-se com a mais dilatada longevidade. E se o leitor português, sobre tudo o popular, estivesse scientíficamente orientado, êle turibularia com preferênciã os autores que desenrolassem, nas páginas dos seus livros, os múltiplices aspectos da grei portuguesa, considerada como arcano tradicionalista de inconfundível nacionalidade.

Escuso de trazer para aqui a enumeração de quantas facetas da etnografia portuguesa a literatura podia reflectir nas suas produções; a campina é tão larga, que nela podem virar a sua leiva todos os arroteadores, sem risco de se acotovelarem.

Sei porêem com quanta ânsia se busca e rebusca, nos autores da alta antiguidade, a mais escassa referênciã à vida, costumes e tradições dêsse tempo e é por isso fácil de antever, sem illusório profetismo, que as obras, que obedecerem a esta orientação, haverão de ser, para as bibliotecas vindouras, inestimáveis fontes de investigação, disputados livros de consulta. As outras... cairão no olvido.

* * *

Nesta pequena e fugidicã nota, venho apenas revolver um dos filões do último romance do antigo Bento Moreno. É o seu contributo para o conhecimento da lexicologia minhota.

O Dr. Teixeira de Queiroz pôs, na bôca dos interlocutores do seu romance, vocábulos e expressões, que os dicionaristas ainda não registaram e contudo êles pertencem genuinamente ao que, segundo uma autoridade no assunto, se pode chamar *subdialecto interamnense*, isto é, de entre o Lima e o Minho.

Julgo que tem pois alguma utilidade esta apostila do *Ao Sol e à Chuva*, por traduzir terminologia do léxico alto-minhoto.

Para a dialectologia nacional, é mais um óbolo que entra com

o cunho do *Antre-Douro-e-Minho*, o qual para João de Barros já era o «conservador da semente portuguesa», como quem diz: o celeiro da boa linguagem.

*
* *

Nestes trabalhos há sempre, na parte lexicológica, duas espécies de vocábulos: os que são inteiramente inéditos e os que têm inédita apenas alguma significação. Mas, na parte gramatical, as formas verbais entram também como fenómenos do dialecto, que devem ser arquivados.

É assim que o dr. Teixeira de Queiroz fez pronunciar às suas personagens *troufe*, *seguinde*, *tomande*, *ouvindes*, *fiquendes*, que já têm aliás sido notadas, e outras que cristalizaram na linguagem popular.

Expressões como *o tais*, *fazer mingua*, *dar estudo por o tal*, *fazer falta*, *dar aula*, ouvem-se a cada passo.

As pronúncias *dúbeda* (dúvida), *concrusão* (conclusão), *cun-sáunte* (consoante), *adiente*, *reçòm*, *tâmêm*, *sueço* e *suece* (sueco, v. g. *ferro sueço*) são próprias do nosso falar alto-minhoto.

O vocabulário, que entrecolhi nas linhas do *Ao Sol e à Chuva*, e a seguir inventário, merece referência particular, porque não se encontra ainda na última e mais copiosa publicação dos léxicos portugueses (1).

*
* *

Autente: *Não ser bem autente* (autêntico?) quer dizer: não ser bem ajuizado ou não estar no seu juízo.

Bambão (pron. báumbôum): É um baloiço, uma coisa que oscila ou baloiça. Um sino toca *a bambão*, quando dobra a finados; um braço pendente de videira faz *bambão*, quando o vento o agita para um lado e para outro.

Bica: A tradicional *bica de manteiga* foi destronada pela lata industrial; há pouco tempo ainda a manteiga de fabrico doméstico apresentava-se nos mercados *às bicas* — pequenos bolos oblongos e estreitos, de fôrma lenticular e de apetitosa frescura.

Bimbar: Assentar com fôrça, bater, fazer cair uma cousa sôbre outra; emprega-se com ênfase. De aí *rebimbar*, que é conhecido até no sul do país.

(1) Refiro-me à 2.ª edição do *Novo Dicionário* do sr. Cândido de Figueiredo.

Bouça : É um tracto de montado com parede de vedação em tôda a volta ; ou tem árvores silvestres ou rôço, isto é, mato para roçar ; a vegetação dentro das *bouças* cresce luxuriante, porque não chega lá . . . o dente da cabra.

Canhoto : É um tronco de carvalho nodoso ou de pinheiro bravo, com destino ao fôgo. É *rachado*, isto é, reduzido a achas ou *canhotas* com os machados de longo cabo de laranjeira e, para aquecer nas manhãs de dezembro, não há trabalho mais adequado. Demanda braço vigoroso, ainda que seja a cabeça fraca, como a do *Mudo*.

Carrasca : É uma planta vulgar das serras, óptima para o fôrno. Há dela várias espécies : *agostinha* ou *agosteira*, por florescer em agosto ; *moura* de flor rubra, *cernelha* e ainda outra a que chamam *folipeiros*.

Cobêrto : É um telheiro, um cabaneiro para recolher *apeirias* da lavoura ou o *bibo*, mas temporariamente.

Confêso (a nasal é muda) : *Dias de confêso* são os dias, que os párocos destinam nas suas igrejas para a confissão quaresmal por atacado, se assim me é lícito exprimir ; vem os colegas das redondezas para esta purificação geral, simplificando a tarefa.

Çoque : É um tamanco. Neste ponto divirjo da ortografia do illustre escritor ; um dos meus mais distintos cooperadores de um *Glossário* encontrou, em uma região do nosso concelho dos Arcos de Valdevez, a forma *zóque* ; para quem hesitasse se deveria escrever *sóque* ou *çoque*, aquela variante corta o nó, porque *z* e *ç* são fonêmas que se equivalem, o que não sucede com *z* e *s*.

Fracóla : *Um fracóla*, um homem fraco, doente.

Guiço : Pauzinho, lenha miúda. Também se ouve *guiceiro*.

Gougo : É o vulgar calhau rolado ; noutros pontos, *gódo*. De *gougo*, *gougar*.

Molanqueirona : É uma pessoa sem energia, preguiçosa, indolente e fraca.

Moléte : É o pão de trigo ou *biscoito*, quando é cozido juntamente com outros iguais, a que adere pelos seus lados. O conjunto de *molétes*, dispostos em séries paralelas ou em uma só série ou carreira, forma a *pada* ; assim diz-se *pão de pada*, em referência à forma e qualidade e uma *pada de pão*, falando-se do conjunto. A côdea deste biscoito é lisa e não rugosa, e é mais clara e flexível dos lados.

Pardejo : É uma forma do termo pardal ; também há *paraelho*.
Péste! : Exclamação de repulsa, quasi sempre acompanhada da cuspidela purificadora.

Ponteiro : É um utensilio de aço, de ponta mais ou menos romba ; faz parte da ferramenta do carpinteiro e do serralheiro. Serve para recalcar um prégo ou perfurar uma chapa de ferro.

Quinzena : É uma véstia, uma jaqueta.

Serenar : Diz-se das trutas, quando pairam imóveis quasi ao lume de água, à espera do insecto que deriva com a corrente. Podem assim alvejar-se a tiro no momento preciso em que *picam*.

Tachóla : É a tacha, o prego do *çoque* ; às vezes, por símile satírico, os dentes incisivos. Na pronúncia do dialecto, o *ch* tem som explosivo.

* * *

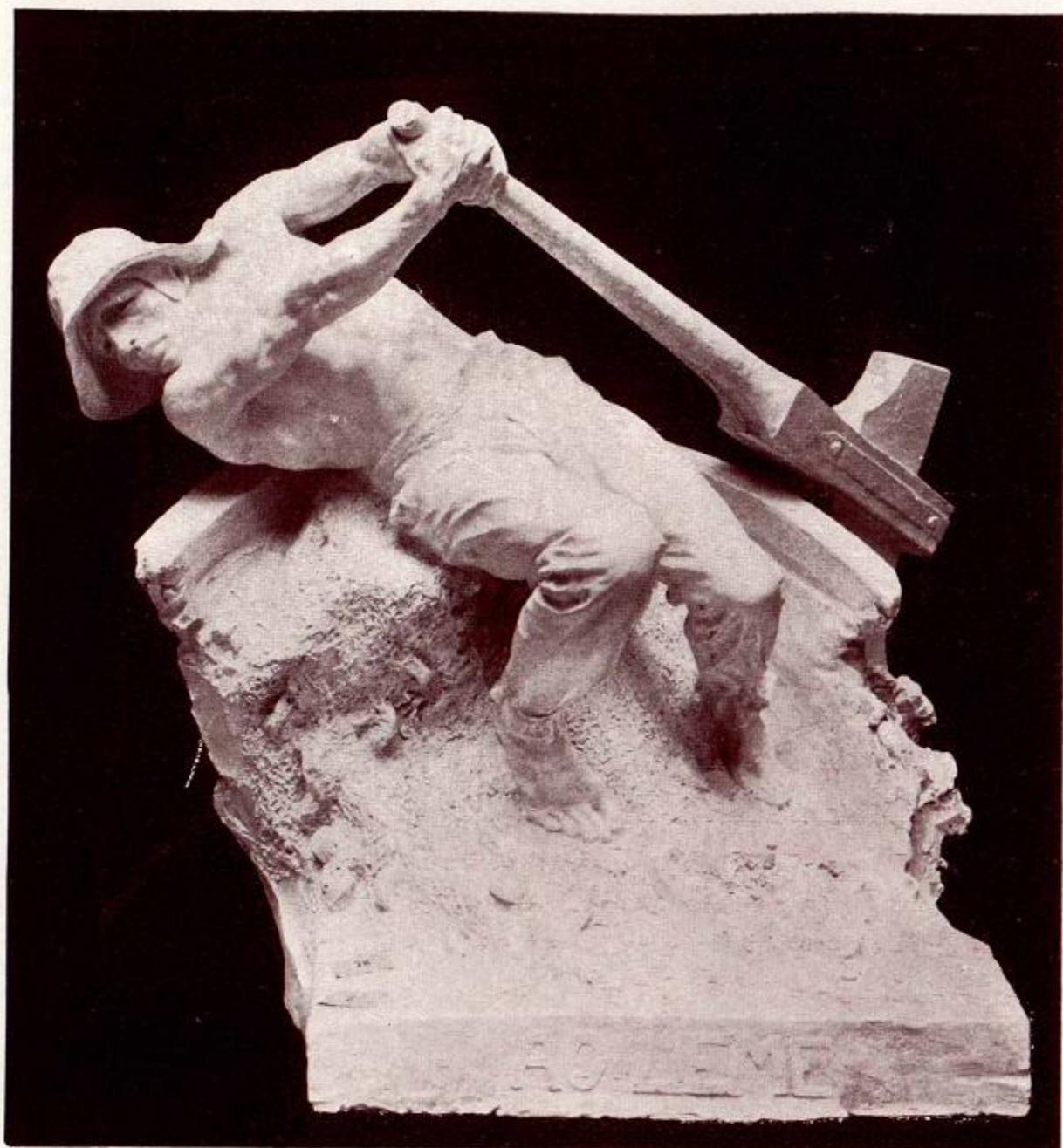
Com pena omito muitas outras notas regionalistas do *Ao Sol e à Chuva*, para não me alongar.

Até na metalúrgica da nossa província, o autor foi colher elementos para o interêsse etnográfico do seu trabalho. O ferreiro *Charró*, indicando à filha a *infusa* com água, que em fio vai gelando as espiras do vergalhão torcido em brasa, é uma scena pictural de muita observação e verdade. A maneira técnica de moldar em calote esférica uma chapinha de ferro em chama, para obter um enfeite floral de gradeamento, é-me bem conhecida, porque é ainda o processo dos colhereiros do norte.

Que vasta mêsse é o povo portugûês na sua linguagem, na sua arte, na sua indústria, na sua poesia, na sua tradição e até na sua religiosidade arcaica !

Lisboa, 18-V-1916.

F. ALVES PEREIRA.



FRANCISCO DOS SANTOS — Ao leme

Caderno dum libertino

.....
Numa tarde de inverno, encontrava-me, por uma destas coacções imprevistas e estúpidas do destino, na estação de Freixeneda, morrinhenta e agreste como *sala de lobos*. Deslizavam os minutos de espera, mais lentos que palmípedes num charco, e descoroçoado me sentia da Divina Providência, que atirara comigo ao turbilhão de aventuras que encerra um combóio castelhano. De mãos atrás das costas, porejando mais melancolia que um herói no exílio, calcurriava de cá para lá e de lá para cá o cais lamacento, quando um carabineiro se dirigiu a mim:

— O senhor fala francês?

— Falo.

— Bom, venha comigo.

Aquiesci, envaidecido do despejo daquele lôrpa, que farejara em mim condição para ser língua. Cruzei a locomotiva, que arfava bêbeda de água, rente às terceiras classes. Através das vidraças búcias, cabeças mazôrras de marchantes e olhos buliçosos de chicas seguiam-me. Porque é um gôzo comunicativo ser alvo, eu sorri às môças. Um cura, de pé, à beira do cais, rezava o breviário, fita carmezim ao vento.

— *Alla!* — apontou o soldado, ao voltar-se e ao ver-me ir a passo.

Alla eram os edifícios da via férrea, a fonda revessando os odores da linguiça assada, a sala de espera comum, e a alfândega, à porta da qual, um guarda, de mãos encabadas nas mangas do tabardo até os cotovelos, batia o tacão friorento.

— O senhor vem dizer ali ao pôsto o que quer um francês que não sabe o que quer, ou não quer dizer o que sabe.

— E eu sei?

— Sim! sabe.

Na aduana deparou-se-me um senhor idoso, de barba esbranquiçada, em ferradura, em lassa disputa com os fiscais. Ao pé, uma menina esbelta e viçosa, de mantelete lilás rolado da cabeça, poisava um braço enluvado sôbre uma condessa de vime, destas em que o vermelho, o branco e o verde se entrançam em alegre mosaico.

Inteirei-me do ocorrido, questão dumas passas algarvias que o fisco pretendia taxar, e a que o viajante se recusava, sem saber expor sua justiça. Expliquei que o cabaz devia ser expedido para França, lacrado, discuti, argumentei, até que, num gesto de favor, o escriba se pôs a lavrar a cédula do despacho.

Enfadado, o francês monologava contra aquela Espanha embrutecida, que não sabia línguas, nem penetrava a intenção próxima das coisas. E todos três quedámos taciturnos no cais lodacento, em que o chefe da gare, um homemzinho baixo, de ventas angulosas à Ribéra, de bandeirola nos sovacos e mãos nos bolsos, passeava tamancos de incouras, com testeiras doiradas, dum belo sonido a matraca. A locomotiva, a distância, recuava a sacolejões doces. Um piquete de homens, com os rins, lentamente e sem esforço, empurrava um vagão vazio.

— Segue jornada? — perguntou-me o senhor viajante.

— Para Paris.

— Nós também.

Démos uns passos, de olhos no combóio entorpecido na gare dormente. A manobra prosseguia, de uma digna placidez castelhana. Ao longe, por trás de eucaliptos, a aldeia, de telha vã, fumegava. Uma tristeza hedionda, de princípio de inverno, e a fumarada bailavam sôbre ela.

Para sacudir o frio, pusemo-nos a marchar lado a lado, quase no ritmo accidental de três passeantes que avançam o pé na mesma linha. O sapato envernizado da rapariga cantava na areia, as nossas botas rugiam. Andávamos, porém, silenciosos, o pensamento de cada um dentro do seu «jardim».

O primeiro toque da sineta correu, afinal, na atmosfera húmida, numa alacridade ruidosa e argentina de matilha. Malteses de pau e manta despediam-se às portinholas. Os carabineiros,

bambaleando os rifles, vozeavam em surdina. Os sócos do chefe agitavam-se, elevando acima do reboliço sua soada áspera de matraca. Nunca o diapásão das vozes se me afigurou mais singular!

Segundo ladrido da sineta; a locomotiva pôs-se a arfar; boiou sôbre nós o odôr picante da hulha. Um matulão apareceu a correr, com uma bôlsa do correio.

Terceiro repique: adeus! Nossa Senhora os leve! Vão em boa hora!! e o trem, estirando os tendões, desamarrou.

Freixeneda, as chancas do chefe, os homens pregados no cais, recuaram lentamente; mais ronceiramente ainda, as montanhas tristes do Douro começaram a mover-se a oeste; e a chã, de uma mudez ascética e pasmada, desenrolou-se. Desenrolou-se, desenrolou-se incansavelmente. O céu, mesmo, não era mais despido que a terra. A espaços, uma banda de perdizes erguia o vôo; toda a imobilidade do espaço, que as asas iam riscando, palpitava estupefata.

— Que terra engeitada! — murmurou o viajante. E, afastando-se da portinhola, disse-me, abrindo os braços: — Se a nossa companhia lhe não desagrade...

Sobracei a minha equipagem e fui instalar-me em face da damazinha, que me analisava de seus olhos floridos. O instinto da voluptuosidade, o gôzo de ter junto de mim, através do deserto, carnes puras de virgem e uma mente côr de rosa, harpejou-me os nervos, docemente.

.....
O viajante atirou a gazeta e à queima roupa, quando o meu espírito vagabundeava, proferiu:

— Tenho, então, o prazer de viajar com um patricio?

— Sim e não.

Fornei umas vagas inculcas sôbre a minha identidade e êle tornou:

— Mas vive em Portugal?

— Uns meses do ano, lá pela quadra da caça e do môsto. O resto do tempo passo-o ao acaso da inspiração, em Paris, em Berlim, em Veneza, onde *calha*... Em Lisboa, uma vez por outra...

O viajante contemplou-me com circunspecção e disse:

— Nós habitamos em Lisboa, mas somos da Flandres.

Estabelece-se uma intimidade muito fácil, pôsto que artificial,

entre passageiros. A vertigem do movimento provoca, dir-se-ia, a descongelação dos preconceitos e das reservas que o homem civilizado nutre para com o homem civilizado. Nestas tumbas volantes, a sociabilidade traz um cunho de imposição sobrenatural.

Sob a alçada desta lei, por certo, se achava o meu interlocutor quando, em demorado colóquio, me referiu quem era. O senhor Brochard era empreiteiro de obras, tendo edificado bairros inteiros cosmopolitas nas terras do sul. Estava pôdre de rico, mas usado, e arrancando a boina de quadradinhos, mostrou-me o ócciput calvo dentro dum aro de mechas brancas, como a imagem geométrica de Saturno, o astro esbandulhado.

Eu, senhor voluptuário, que, mercê da providência paterna, posso correr o mundo em *harmonika-zug* e mercar um bordel de bailarinas, admiro, mas não estimo, estes cavaleiros do progresso. Perante êles, sente-se como a potência avassaladora de uma forma algébrica e é sumamente capitoso vê-la ir-se desdobrando. A humanidade para êles é uma lousa de operações e nada mais delirante que a teoria dos números rendidos à unidade. Mas é à bruta que sacodem em sua madracice beata as raças da latinidade. Calcam-lhes, sob suas botas fleugmáticas, usos, costumes e tendências adormecidas, abastardando-lhes o carácter, coisas que valem bem a luz eléctrica e o *beafeleck saignant*. Por isso os não estimo. Eu, criatura amoral, prezo a tradição como um brâmane. Tenho paixões histéricas por uma página de arte, perdida numa ruína ou num cunhal de cidade morta. Deleitam-me os beirais vermelhos, povoados de ninhos, e os vasos de manjericão medrando sôbre o encôsto de uma varanda. E nunca faltei com o meu *salve-o Deus* a um lavrador, que, conduzindo a rabiça, pragueja atrás dos bois. Tudo isto, porque venero no passado a obra prima, inconsciente, de gerações de almas.

Os Brochard são os revolucionários dos tempos modernos e nisso grangeiam o meu ódio. Que explorem os povos que andam ainda de diligência, seja; as garras foram feitas para se cravarem; mas que os *achatem*, revolta-se meu gôsto de proporção.

Eu ia, assim, considerando, emquanto êle desfiava algarismos. Mas a sua personalidade de «mero produto quantitativo» desaparecia a meus olhos perante aquela suave rapariga, pela posse da qual eu daria a filosofia de Aristóteles e a civilização dos meus avós.

O combóio penetrava no torvelim de uma estação, rasgada de fogos e discos coloridos. Um pregoeiro clamava:

— Salamanca!!

.....
Silenciosos e emmorrinhados nos quedámos nas banquetas. O tumulto lá fora cresceu, enovelou-se, extinguiu-se quase. Ao cabo de uma longa pausa, Brochard ergueu-se, foi à portinhola e pôs-se a palmilhar o corredor, repicando a bota entanguida.

— Não sentes frio, Geneviève? Estou gelado...

— Não; tenho só sede.

— O combóio está a partir... Não é sede que mate?

Aventurei-me a ir procurar uma bebida; e sem imodéstia em minha diligência, pude apresentar a mademoiselle uma chávena de chá. Brochard, obsequiado, proferiu com bonomia:

— Mas eu ainda não sei a quem devo esta fineza?!

Brochard leu o meu bilhete, releu, e num esforço remissivo de memória, declarou:

— Êste nome não me é de todo estranho; mas donde?

Geneviève, para quem o cartão se encontrava no raio visual, fitou-me, exclamando:

— Ah!... Papá, não te lembras do senhor, que foi a Inglaterra bater-se em duelo com um tenente da infantaria rial? Mas é êste senhor. As gazetas falaram tanto...

Brochard ficou um momento silencioso, a buscar equilíbrio para aquela circunstância, e disse-me:

— Senhor, eu também admiro a coragem. Tenho muita honra em conhecê-lo.

Geneviève sorria-me; com ênfase, proferi:

— Foi um desagravo cómodo; Mister Yarnes Windsor, primeiro esgrimista do regimento, jogava mal as armas. Tam mal que eu poderia desarmá-lo, se não fôra o respeito imoderado que voto aos meus adversários.

Brochard quis ouvir a narrativa minuciosa desta desafronta, exercida em nome dum povo; e eu dilatei-me nela, com a elegância pessoal dum Júlio César, quando à noite copiava com a pena o que no dia escrevera com a espada. E não esqueci o meu desembarque triunfal, na praia histórica dos navegadores.

O silêncio poisou novamente entre nós; o combóio devorava o rail. Quebrantados, estendemo-nos sôbre as banquetas. O semblante afável de Geneviève dizia-me: Ora quem o senhor é. Um

cavaleiro andante. Mas tem o ar melancólico... Não terá sido feliz?!

Vaidoso e enfatuado como lord Byron, tinha a impressão de descobrir isto, e considerei: — Almazinha, que fiz vibrar e amar com meu rasgo antigo, onde irás tu? Os nossos destinos teem já dois pontos de intersecção; quem sabe? — Velho lobo incorrigível — dizia-me a voz da razão — tu vais no pendôr, quando ela começa a subir a colina da vida! Nem ela te alcança, nem tu a podias esperar!

.....

As pupilas luminosas de Geneviève fitavam-me. E não me pude tolher de assestar sôbre elas um olhar, olhar de genuflexão perante tam subida mercê, e de agradecimento à beleza universal, que semeia flores nas veredas das feras, e faces pulquérrimas no trajecto hostil das Espanhas. E, novamente doido-varrido, o meu espírito interrogou: — Qual será a rota desta almazinha? Qual será, entre os mais felizes dos homens, o primeiro a beber naqueles lábios tam amáveis?

Oh! não seria eu, homem amolentado a desejar e a possuir, para quem os trinta e cinco anos começavam a pesar como trinta e cinco robles vindos de Noé. Não, não podia ser eu! No meu peito havia ainda fogo para seduzir uma viúva que tocasse Chopin, mais nada. Mas embora, ao sentir aqueles olhos límpidos, debruçados sôbre mim, uma ternura nova planava acima do meu pensamento crapuloso, como sol sôbre água choca.

O trem esfalfava-se na campina coberta de breu, e enquanto o espírito corria à rédea sôlta, o meu ouvido começou a distinguir no rumor bárbaro do combóio uma melodia larga e majestosa. Nela se aliava ao eco dos espaços o esbravejar das fôrças, reprimidas como corséis de guerra. E era mais soberana que a voz do mar, em que mal tremeluz uma nota à glorificação do homem. Depois, variações sinfónicas, de uma opulência wagneriana, desenharam-se a meus ouvidos. Côres reais, orquestrações dinâmicas, as gamas todas de aço cantando inspiradamente. Porque não há artista que traduza as melodias estranhas dum combóio, projectado em bolide, aquele *leit-motiv* tam dominador do *tandem*, todo o batuque ciclópico do monstro?

Geneviève! Chama-se Geneviève esta criança loura, que diante de mim tem a compostura de mulher afeita ao turbilhão das coisas. O nome é perfumado como as amendoeiras em flor!

Que idade terá? As espáduas são de mulher, os olhos, porém, conservam toda a mobilidade inestilizável das crianças. São quentes, mas não seguros. Não me fitam e morrem pela curiosidade de me contemplar. Acho-a interessante, porquê? Naturalmente porque estou gasto e ela é um botão de rosa; porque sou depravado e ela é pura. Eu sou um inverno. O queixo dela é o queixo do pai; de vontade. Os cabelos, enrolados à Velasquez, devem-na cobrir até os pés; todavia na raiz da fronte uma leve penugem infantil aloira ainda. Que idade tem? Dôze, quinze, dezassete anos. Impossível atinar; são assim as madonas de Mainardi em que não é certo assegurar a criança e em que será temerário entrever a mulher. É explicável: Geneviève é uma flor nascida no norte e crescida no sul, ao sol que doira as laranjeiras e amadura as vinhas. É uma criança nos anos, mulher, parece-me bem, no desejo de ser mulher. E que é a vida senão vontade?

— Que ardor! — dizia meu anjo cínico.

— Debaixo de neve — respondia-lhe meu anjo lial. — Ver-se-iam já os cabelos brancos em minha cabeça, se não fôra os artificios com que os encobre minha vaidade. Ah! Já não posso ter esperança; não posso, não quero, não devo iludir-me! Sou curioso de tudo o que tem curiosidade, lá isso sou; gostaria de entrever o rumo desta rapariga; gostaria de perceber, tactear, gozar o seu maquinismo interior, como um relojoeiro; mais que isso não. Há um fundo de equilíbrio em mim, uma voz sensata que se poria a berrar, se fôsse asno: és um velho lobo a ladrar à madrugada.

— Causas-me hilaridade — tornava a metade diabólica do meu eu — nesse desespêro tam eloquente! Como sempre, velho sátiro, afias as unhas. Possas tu cair sôbre a franganinha!

— Bem sei quanto o espírito é pouco ao lado do sentimento ou do vício. Bem sei quanto a vontade é uma diligente escrava dêstes e uma surda serviçal daquele. Inegávelmente, o instinto dispõe de uma fôrça irreprimível, e o homem é uma fôlha nesse oceano interior que traz consigo. Por persuasão, concentrando todo o querer, poderia orientar ou desorientar para mim essa criança deslumbrada no limiar da vida! Mas não quero, porque d'oravante desejo moer até o derradeiro minuto em aborrecimento, e quem diz aborrecimento diz paz, os dias que me restam de vida!

— Que esforço de imaginação! Quando a levas ao tálamo, velho bandalho? quero encomendar uma orquestra rial!

— Maldito sejas!

— Geneviève está-te nas garras; está nas garras do môço-velho, que não perdôa, nem larga a presa. Repara como o olhar dela se espenuja! Imaginas tu, que seus sentidos ainda não penetraram a traça para onde a queres levar? Ela adivinha-te e rende-se; está rendida; observa-a.

A locomotiva silvou; os semáforos duma grande gare fustigaram a semi-obscuridade do vagão. O jôgo do tênder amolecia. Ergui-me da banquetta, em que as minhas duas personalidades, uma voluptuosa e sentimental de cidadão comum, outra luxuriosa e cínica de incorrigível libertino, disputavam ao ritmo do aço rolando no aço. Geneviève sorria-me.

.....

Por muito tempo, ao compasso das carruagens, saltando de carril em carril, meu pensamento tresvariou. Pezaroso umas vezes, como jogador que deixou sorver sua fazenda, despejado e alvar, como grilheta para o qual não há remissão.

«Geneviève — dizia êle — quando na gavêta da minha cómoda se baralharem com as cartas de amor hediondas receitas de botica, amará e será amada. Talvez seja noiva e em seu cérebro se albergue um lupanar. A natureza humana é assim! Mas não será menos virgem, nem sua bôca menos cândida. O arminho só é imaculado na roupagem; em sua vida animal é imundo como um varrão. Em deleitação morosa dormirá Geneviève com seus cavaleiros de baile e com aquele môço, que tem fama de devasso, e que um dia, ao cortar o ângulo em que pisava, lhe lançou tam turva mirada. Dormirá, outro-sim, com o cocheiro da casa, com o jôven cura de que ouve a missa, e com quem menos se deitará é com seu noivo ou com seu marido. O silêncio e a noite levarão à sua cama um cortejo de sátiros. E seu pensamento acolhê-los-há; porque o pensamento, a noite e o silêncio são os três conjurados contra a castidade.

Se cruzasse comigo, quando os dedos reboludos das maçagistas ainda não tamborilavam em minha pele, talvez dormisse comigo. Talvez dormíssemos em realidade, traindo ela um marido que deve ser bacharel em direito e rendendo eu tributo, com meu coração inconstante, à sua formosura, liberal a dar-se; o tributo dum coração inconstante é mais agradável ao amor que o de um coração fiel. A variedade em que se move a natureza só permite à nossa sinceridade uma homenagem passageira. Trairia-

mos o bacharel e eu seria o que era de meu temperamento, impetuoso e dominador. Nunca conheci o amor, maneirinho como os rondós de Gluck, nem Geneviève iria buscá-lo dêste género, fóra do leito legal. Detesto o amor que se roça; rudez no amor, ligeireza no *flirt*, foi o segrêdo de meus sucessos.

Assim seria de verdade, se eu pudesse voltar atrás como os dons paladinos das romanzas: *eh! volta atrás ó meu corse!* O tempo, porêm, arrasta a vida como mil cavalos sem freio. Geneviève amará e será amada e não será a mim nem à minha sombra! Deixá-lo... Alguns anos mais, quando eu recorrer às perucas, será uma honesta mãe de família com as mamas à dependura. E passei, passaste, passámos!»

.....

Trasfegámos para o rápido de Madrid, contra o qual, em sua marcha veloz, mal relampejavam as luzes dos semáforos. Brochard encavalara perna sôbre perna, e enclavinando depois as mãos contra a tibia, escutava, sorridente como eu, a doce loquela de Geneviève. Ela falava-nos dos mimos do seu jardim, onde havia barbos e trutas, e do baile em que dançara o tango. Baixara a noite, uma noite temporã de inverno, sôbre que se alçavam ainda as cristas dos Pirenéus, damasquinadas de neve. E por muito tempo, suavizámos a monotonia da viagem, folheando de espírito indolente as coisas da vida, umas muito próximas, outras remotas, de interêsse de gazeta. A frase de Geneviève corria sempre cândida e buliçosa, como cabritinha na relva. Entre mim e ela profundava-se um entendimento, misterioso e sorvedor, com a fôrça louca de mil almas.

Com amargor, porêm, me chorava de não ter um corpo ágil e môço, e menos anos sôbre os ombros para poder amá-la e chamar-lhe minha. Com ela havia de correr as sete partidas do mundo, e nas noites orientais, depois de ungida com os perfumes das sultanas, amá-la sôbre tapeçaria flácida, entre cassoletas cheirosas. Considerei que era esta uma fantasia de velho, e meu bom anjo custódio repetiu: — Tam depressa desejas, como após o abraço aborreces. Deixa esta criança, outro tem direito a ela.

E uma dôr tam profunda me punziu, ao reconhecer-me um «cerebral» com a mulher, que me chamei desgraçado três vezes. Ia-se assim desenrolando meu subconsciente, enquanto meu juízo se deleitava na ingenuidade descritiva de Geneviève, quando um choque formidável, dum fragôr que guardei meses nos ouvidos,

me projectou contra ela. A mim se agarrou instintivamente ; em volta, o ferro, o vidro e a madeira lascavam e estoiravam. As paredes da carruagem desabaram sôbre nós, e rolámos, rolámos, envolvidos em treva e em destroços.

Não sei como me arrastei com Geneviève para fóra da caixa infernal. Cá fóra, pelo pêso que punha em meu braço, reparei que desfalecera.

O combóio despenhára-se numa ravina dando-me a impressão duma colossal serpente esmigalhada, cuja cauda ficasse presa ao alto, a cabeça em baixo, gorgolejando chamas. Uma carruagem, apenas, se equilibrava miraculosamente sôbre a via ; as outras estavam desfeitas, espetadas na rocha ou amolgadas. Um clamor abafado e intraduzível coava-se dos escombros. Duas carruagens lançavam labaredas.

Depus Geneviève contra uma frágua, e precipitei-me em socorro dos viajantes. Durante meia hora suei, chorei, rangi os dentes. O incêndio rematava a catástrofe.

De nervos a estalar, fui ao encontro de Geneviève. Quando me reconheceu, avançou para mim de olhos desvairados e braços erguidos para o céu. E, abraçando-se a mim, ficou contra meu peito a soluçar. Procurámos ainda a carruagem em que viajáramos ; era um enorme braseiro.

Vieram montanhêses e um piquete de socorro. Por uma senda cavada na serra, a alumiar com um lampião de azeite, uma velha levou-nos para a aldeia mais próxima. Geneviève ia quase nos meus braços.

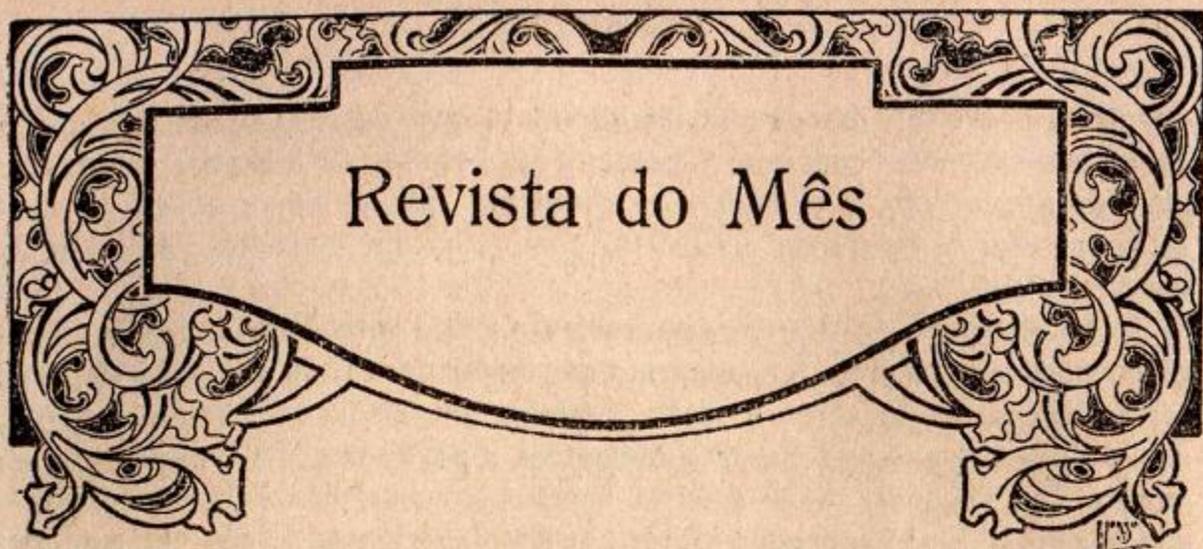
A boa mulher, vendo-nos abraçados e estrangeiros, ofereceu-nos um quarto da sua casinha, dum só piso. Ajudei Geneviève a despir-se ; ela não falava ; em sua face afogueada os olhos estavam velados. Ia a retirar-me ; ela passou-me os braços ao pescoço, rijos como algemas. E compreendi ; compreendi que seus nervos de catástrofe a levavam para longe dela. A natureza criadora queria vingar-se da natureza que mata.

Pus de parte tudo. Foi o meu maior crime e a minha maior voluptuosidade.

.....

Paris, novembro de 1913.

AQUILINO RIBEIRO.



CARTA DO BRASIL

O MOVIMENTO PATRIÓTICO

Há agora no Brasil como que um renascimento entusiástico de patriotismo, que se revela cada dia de uma forma nova, de uma maneira diversa.

Na literatura, os escritores velhos e novos interpretam paisagens nacionais ou ocupam-se de trechos da nossa história política e diplomática.

Foi também um literato, o grande poeta Olavo Bilac, que levantou o entusiasmo dos jovens de sua pátria, conseguindo que fôsse aceita entre aplausos patrióticos a lei do serviço militar obrigatório.

O Rio de Janeiro, de meses para cá, oferece um aspecto verdadeiramente interessante, pela multidão de soldados que invadem as ruas da cidade. São os primeiros voluntários especiais, rapazes todos das melhores famílias da sociedade carioca, que procuram servir a pátria e trabalhar para o seu engrandecimento, garantindo-lhe a vida futura. São moços cheios de fé, que tomam a sério a tarefa que empreenderam.

Dir-se-ia que estamos em guerra vendo-os passar garbosos e alegres, com os uniformes *kaki* bem ajustados, semelhantes aos do exército inglês. Discutem sobre cousas militares, as fadigas das manobras, planos de combates e todos êles respiram saúde e contentamento.

É que a nova vida militar não lhes dá tempo para passar as noites em *cabarets* e diversões alegres, e que hoje, às duas horas da madrugada, quando toca o primeiro sinal da alvorada, levantam-se e correm a equipar-se para os exercícios, enquanto que há pouco muitos dêles, a essa mesma hora, olhavam frenéticos para a corrida vertiginosa da bola da roleta ou dançavam o tango em requebros complicados.

Do campo dos Afonsos, onde estão agora acampados milhares de voluntários em exercício de manobras, recebo cartas que escrevem, cheias de optimismo :

«O trabalho dos voluntários êste ano foi deveras *«puxado»*. Creio que

depois da prova que demos ninguém duvidará que, em caso de necessidade, o Brasil poderá contar com a nova geração que, apesar da literatice, do snobismo e do *tanguismo*, é composta de «homens» que ao menor sôpro de ideal sabem retesar os músculos e suportar com galhardia as rudes contingências do momento.....»

Escreve outro: «Estou verdadeiramente muito satisfeito. Primeiro comigo mesmo, pois além de ter cumprido um dever para com a pátria, sinto-me esplêndido de saúde e pus à prova a minha resistência como, por exemplo, quando tivemos que marchar 30 quilómetros a pé, de muchila e espingarda ao ombro. Em segundo lugar admirei imenso a nossa rapaziada, que digam o que quiserem, ainda consegue vibrar por um ideal, estando cada vez mais patriota e disposta a trabalhar para enaltecer o nosso país. E, finalmente, modifiquei muito minha opinião sobre o Exército, tanto oficialidade como soldadesca, pois com a convivência desses dias pude avaliar *de visu* o excelente estado das nossas tropas.....»

João do Rio, em uma das suas scintilantes crônicas, referia-se ao ardor dos voluntários e ao entusiasmo que demonstravam ao regressarem das manobras. Os oficiais mostram-se contentes com êsses novos soldados entre os quais se acham diplomatas, poetas, artistas e toda a *élite* da nova geração brasileira.

Um dos oficiais fala ao cronista: «Não houve desânimos. Portaram-se com a energia de veteranos, ainda mesmo quando a lama lhes tocava quasi o peito...»

São de João do Rio estas palavras: «Ei-los de torna-viagem. Estão alegres. Reentram os mesmos seres amáveis e delicados na vida mundana. O coração, entretanto, está mais purificado, pelo ardor com que pensaram no Brasil, na árdua, na violentíssima tarefa que se impuseram. Sofreram fadigas ásperas. No rosto tostado brilha-lhes porêm a alegria de um infinito prazer e parecem desejosos de recomeçar.

— Batidos, hein?

— Ao contrário, vencedores. Fomos dos *azuis*...

A nenhum deles ocorre que nos referíamos ao cansaço. Pensavam apenas nos combates simulados em que entraram».

É de facto a renascença do civismo nacional, e vendo passar êsses jovens patriotas eu penso ufano no Brasil futuro, maior ainda que o Brasil de hoje, mais cheio de crença, mais forte e cumprindo com a mais precisa convicção o seu dever.

Nêsse dia estará realizada a frase do almirante inglês, que Barroso applicou à nossa pátria e aos seus filhos: O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever...

JOÃO D'ALEM

NOTAS DE MADRID

ESPAÑA Y PORTUGAL

En España há tiempo se habla mucho de Portugal: ¿hará falta una recapitulacion documentada de las causas que han motivado esta mayor atencion de las gentes? : en la memoria de todos estan, aunque haya sido ocasional determinante, la nueva etapa histórica que Portugal inauguró implantando la República y la tragedia actual, que llevó á los portugueses á tomar posesion definida en la contienda europea.

Pero estos dias se ha hablado más de Portugal: quizá lo haya motivado la embajada política, que un sector muy reducido de los partidos políticos hispanos — el reformismo — ha enviado á Lisboa.

En una discusion parlamentaria, com motivo de la casa de la legacion española en Lisboa, ha dicho el diputado conservador don Eloy Bullon, refiriendose á Portugal:

«No creais que pienso se deba resolver el problema de nuestras relaciones con Portugal, en el sentido que algunos románticos han intentado resolverlo, y que yo he llamado *la fantasia de la Union Ibérica...* QUE ES UNA SOLUCION TOTALMENTE APARTADA DE LA REALIDAD.

«Pero es que cabe sin ir á esas relaciones utópicas, estrechar las relaciones de cordialidad en el órden de los afectos y de coordinacion en el órden de los intereses... porque deberia haber además de una política española y una política internacional UNA POLÍTICA PENINSULAR, perfectamente distinta de esas otras.

«Y esa política peninsular de íntima compenetracion de ambos pueblos es lo que nos aconseja la realidad».

¿Tienen importancia estas palabras dichas hace horas en el Parlamento español? Mucha, por ser síntesis afortunada y como el denominador comun en que vienen á coincidir todos los partidos sensatos y las aspiraciones generales de los españoles.

Y con esta invocacion y este recuerdo me ha parecido bien preambular estas crónicas, porque ellas son fundamentalmente, mision de paz y de afecto, para mejor conocernos y estimarnos: vayan pues como un saludo y una profesion de fé hispano-lusitana.

EL MOMENTO ACTUAL

La conmocion europea, es para España un cáustico espiritual: ha enseñado al pueblo, desprovisto de ángulo visual, y estos dias al par que se elabora la nueva era del mundo, para no quedarnos tanto tiempo retrasados, debemos contribuir á formar la nueva era hispánica.

Hace media centuria que todos los partidos políticos hablan de reorganizacion nacional: Joaquín Costa, elevó á los cumbres los gritos de su indignacion por el abandono del país.

Uno de los muchos discípulos de Costa, el jóven ministro de Hacienda, D. Santiago Alba, ha llevado al parlamento con un proyecto nuevo, el anhelo de reconstruccion.

Ha presentado al país un presupuesto ordinario para 1917, valuando los ingresos en 1.421 millones y apreciando los gastos en 1.526.

Este proyecto no suscitará apenas discusión: tiénela y muy empeñada el presupuesto extraordinario de 2.145 millones de pesetas, organizado para aplicarlo durante diez años, distribuyendo 372 millones en el departamento de Guerra, 308 Marina, 190 en Instrucción Pública y más de 1.000 millones en Fomento.

Apasiona, por sí; por la desconfianza que hay acerca de una adecuada gestión administrativa; por las nuevas fuentes contributivas, que tienden á crear un nuevo régimen, modificando la vida económica nacional.

Alrededor de este proyecto, ha surgido toda una literatura, en pró y en contra; porque la nueva tributación sobre el aumento de la propiedad inmueble, la constitución de un banco agrícola nacional, de un banco de comercio, la protección á las industrias nuevas y desarrollo de las existentes, conciertos nuevos con el Banco de España y la Tabacalera (cultivo del tabaco), monopolio del alcohol, la orientación á transformar el régimen jurídico y tributario de la tierra, apesadumbran, esperan y apasionan.

¿Son acertados? Los más enemigos alaban la orientación y discuten el procedimiento, pero ellos son hoy el «momento español».

Porque si el dinero se siente amenazado, y empezamos la acción contra los latifundios hispanos, significan que España entera quiere vivir vida nueva, porque ha aprendido dos cosas, que ya no puede vivir aislada, una.

Tuvo Inglaterra y no pudo conservarlo un «expléndido aislamiento», tuvo España, después de su espléndida expansión, sus días grises de decadencia y de absoluta atonía, que nos aisló del mundo y nos desconcepcionó.

Sabe además el país que se impone la «nacionalización económica»; es preciso en un momento dado bastarse á sí mismo: y á la hora del actual inventario de fuerzas, nos hemos encontrado muy pobres, y muy aislados.

Por eso han resurgido los problemas internos de unidad, de que es ejemplo preminente el «catalanismo regionalista», de que otro día hablaremos, y estamos en trance de cambiar nuestra política interna; así lo exige imperiosamente la vida española.

Y lo culminante hoy, es esto, apagado momentáneamente el tema de la neutralidad.

VIDA CULTURAL Y ARTÍSTICA

Es muy difícil dar en pocas líneas, para «Atlantida», la valoración de conjunto de otros aspectos de la vida española.

Un centenar de libros se han publicado en España, durante el mes de octubre, ahora finado, de los que quizá sea el más interesante el «Resumen de trabajos sobre política colonial» (1868-1916) de D. Rafael Labra, y el del Sr. Gay Montella, «Diez años de política internacional mediterránea — 1904-1914».

Directamente no hace ninguno de los libros publicados referencia á Portugal, aunque puede apreciarse como síntoma, una orientación á tratar de América y de los países americanos que fueron colonias españolas, de cuya orientación participan las publicaciones cartográficas, muy modestas en su mayoría.

La prensa española, requiere un interesante artículo : 2.000 publicaciones periódicas hay en España, 500 de ellas diarias ; y estos días ha aparecido un periódico nuevo «*La Nacion*», de orientación germanófila, aunque ellos la llaman neutralista: algún día si nos acompaña la benevolencia, dedicaremos para valorar en conjunto la prensa española un artículo resumen.

*

Un viejo pintor español, natural de Valencia, Ignacio Pinazo, que cultivó apasionadamente la pintura histórica, triunfó en el retrato y fué un admirable colorista, que influyó en Sorolla, ha muerto hace unos días.

No deja escuela, ni quizás se lo propuso, pero sus obras «*Caridad*», «*Las Hijas del Cid*», «*Desembarco de Francisco I en Valencia*», etc., etc., le aseguran lugar muy honroso entre la escuela pictórica española.

*

La vida escénica, ha tenido un culminar : actúa en Madrid, Margarita Xirgu, artista dramática catalana, quizá renovadora en cierto sentido de la escena española, que ha triunfado con «*La Figlia di Yorio*» de D'Anunzio y con «*Marianela*» de D. Benito Perez Galdós.

La fuerza pasional, de este glorioso anciano, su emotividad y su corazón, la amorosidad por los humildes, su prédica humana, el dolor de los desgraciados, los problemas de conducta y corazón, son la tónica de su teatro.

«*Marianela*», una de sus grandes novelas, ha sido llevada al teatro por los hermanos Quintero, los autores españoles más populares ; sin duda hombres de poca cerebración ; su teatro es plácido, riente y sin inquietudes tormentosas, pero son sin disputa los mejores técnicos, los que mejor conocen el oficio de «autor».

Inspiración, técnica y comprensión dramática, se han reunido: por eso «*Marianela*» ha sido un triunfo.

*

Anúnciase una exposición de pintores vascos y mientras tanto hemos tenido una exposición de dibujos, como tema obligado la guerra y sus derivaciones ; hay obras muy apreciables, entre todas se destacan las de Bartolozzi.

.....
 Esto dá de sí en términos sintéticos la vida española; inquieta la gente y saliendo de su letargo, asomada ansiosamente á Europa, latiendo por la conciencia y esperando el triunfo de la Justicia.

Y aquí van estas notas de las que se estranguló deliberadamente todo literatismo, para dar la sensación impasional de verdad; más necesaria cuando se escriba para un pueblo extranjero, y más obligada cuando ese pueblo es el más afin de nuestra raza, porque de Sevilla y de Lisboa, dijo un gran portugués ha dependido la terrestre esfera.

Madrid, 1.º Noviembre 1916.

ANTÓNIO JAÉN.

A «GALERIA DAS ARTES»

Viveu em Paris, até 1892, um homem chamado Spitzer. Parece que era rico e lunático. Gastou cinquenta anos da existência a juntar num palacete os mais caprichosos objectos de arte da Renascença. E depois morreu—legando à humanidade o direito de ficar boquiaberta perante todas essas preciosidades acumuladas. Eça de Queiroz; que monoculou a colecção Spitzer, escreveu a propósito da mesma uma crónica esbelta e modelar. A colecção valia (no parecer de velhos antiquários...) uns sete ou oito mil contos. Eça de Queiroz sacrificou-lhe sete ou oito páginas da sua prosa elegantíssima, gotejada de ironia e de humorismo. Mas, antes de lançar no papel o ponto final da praxe, confessou, desalentado, numa síntese de crítica que é imensamente explícita: «Cada obra por si esqueceu, com a sua beleza própria. Da colecção imensa só resta, no espírito, a vaga refulgência de um tesouro».

O que sucedeu, dessa feita, ao romancista original e bizarro de *A Cidade e as Serras*, tem acontecido muitas vezes a quem estas linhas escreve. Quási sempre que visito, em terras de Portugal, uma das chamadas *exposições de arte*, percebo que a receptibilidade do meu espírito, que não tem nada de superior, é estranhamente ampla porque descubro laivos de beleza, talvez ocasional, em telas que a crítica solene e catedrática do nosso burgo não besuntou de elogios rançosos. Mas se, ao abandonar a exposição, busco recordar o que mais íntimamente me impressionou pela formosura, pela delicadeza ou pela singularidade, sofro a decepção de verificar que na minha alma não existe, nem como vestígio, a lembrança de qualquer coisa transcendente e excepcional. O que, durante a tarefa contempladora, ferira a minha retina, não sendo trivial, não tinha, todavia, o supremo encanto, o poder dominador das grandes revelações estéticas. E assim, meia hora depois de realizar essa visita que devia fazer-me esquecer, temporariamente, os horrores da civilização burguesa — metódica na banalidade e poderosa na atrofia mental — eu encontro-me a discutir, enfasiado, à mesa de um Café, a interminável e preponderante crise das subsistências...

Quando alguém, outro dia, me disse que fôsse ver a *Galeria das Artes* — obra de um artista de origem plebeia, chamado José Pacheco, que é um aristocrata nas manifestações da sua sensibilidade — eu fui, absolutamente convencido de que, por condescendência, ia perder meia hora a deter a vista sobre algumas dezenas de painéis reproduzindo com gravidade as clássicas *naturezas mortas* e as inexoráveis *cabeças de velhos* que são os pratos de resistência das hieráticas exposições nacionais. Enganei-me. Ao entrar na galeria recebi uma impressão de juventude, de ineditismo, de independência, de alegria, a que não estou acostumado e que, confesso, me sobressaltou de prazer. Forçado habitante de um país modorrento, cuja população encontra na rememoração do passado esplendoroso a desculpa para a sua desgraçada inactividade presente, espectador algemado da tragédia lancinante que é a notória decadência da família portuguesa — simbolizada na tristeza do fado gemido pela guitarra eternamente dolorida — eu sinto me rejuvenescer e perce-

bo o meu coração bater forte de contente quando determinado facto me prova que o esforço individual pode triturar os defeitos atávicos da nossa raça sonhadora e indolente. Foi o que me sucedeu — sem sombra de exagêro o digo — ao visitar a *Galeria das Artes*, onde um grupo de gente moça faz, com talento e sem alarde, a apoteose luminosa da Vida e da Beleza.

A única coisa má da *Galeria* é a sua perceptível improvisação. Artistas espontâneos e notáveis, como Dona Alice Rey Colaço e Jorge Barradas, submetem à apreciação dos entendidos pouquíssimos trabalhos, algumas aguarelas e desenhos que, se fogem do estilo rococó predilecto dos habituais compradores de quadros, não podem, todavia, servir de bitola das suas firmes aptidões artísticas. Houve, indubitavelmente, da parte do organizador da exposição, o desejo impetuoso de *realizar* num breve espaço de tempo a ideia gerada e crescida no seu cérebro infatigável. Isto prova ainda a superioridade da sua inteligência — porque é um facto indiscutível que em Portugal não pode haver tardanças na execução de um plano verídicamente artístico, sob pena de êle se disfarçar, de corrida, em brincadeira de mau-gôsto. O scepticismo tradicional do nosso povo — que só desaparece para a questão política — é, por desgraça, também inerente aos raros indivíduos que, entre nós, possuem o sentimento do Belo. De maneira que, quando se lhes expõe uma ideia que merece e requer a sua teimosa solidariedade, êles prometem-na primeiro, aplaudem depois, sorriem em seguida e ficam interminavelmente a ver *o que fazem os outros*. Quis o sr. José Pacheco combater esta pecha nacional e por isso inaugurou a *Galeria* com o que foi pôsto de boa vontade ao seu dispôr e que — de justiça se torna insistir nesta verdade — é no todo interessantíssimo e bizarro e parcelarmente anormal e excelente.

Antonio Soares (por exemplo) a quem alguns gazetíferos ignorantes chamam sumáriamente, por deficiência vocabulária, *um caricaturista* e que é, por tendência natural, um pintor e um escultor — expõe um pastel decorativo, de grandes dimensões, que merece registo especial, pelo colorido esplêndido e pelo movimento bem marcado das figuras, e uma admirável *máscara* de Eça de Queiroz que, pela expressão, é digna de aprêço. O quadro n.º 85, de Manuel Maldito, *Campos Elysios à noite*, é obra de um artista vigoroso e culto. Em frente dêle a gente sente fortemente a penumbra, a solidão, o sono apegado da Natureza, e adivinha o rastejar traiçoeiro de *apaches* e as mil e uma scenas das tragédias nocturnas parisienses. Fernand Tibaout tem uma tela — *Margens do Iser*, que define bem a sua individualidade. Ali há vida, há luz, há juventude e beleza! Os números 46 e 47 do catálogo correspondem a trabalhos de José Andrade; são duas deliciosas pinturas antigas feitas por um grande pintor moderno. *O meu jardim*, de Francisco Smith, é um ninho adorável não só pela harmonia de côres que usufrui mas também pela paz transbordante dos seus detalhes mínimos. Quem assina uma obra assim, notável pela suavidade e pelo encanto do conjunto, é inquestionavelmente, em qualquer parte do mundo, um artista consagrado!

*

* *

Mas os trabalhos mais importantes e requintados da exposição são os de Almada Negreiros e José Pacheco.

Almada Negreiros é, dos artistas novos, aquele que mais tem irritado o

público lisboeta, considerando, é claro, como *público* o meio quarteirão de peralvilhos atrevidos que chamam *críticas de arte* às baboseiras que escrevem nas gazetas quando abrem as exposições do costume. Jóven, independente, instruído, laborioso, êle não deixa em demorado repouso a paleta estremecida. *Trabalha* — e isto é um defeito gravíssimo na pátria dos preguiçosos máximos. *Cria* — e isto é um crime horroroso no desventurado país de assimiladores intelectuais em que vivemos. *Estuda* — e isto é uma estupidez incomensurável em uma terra, como a nossa, onde é legendária a frase: *conquista fama e deita-te a dormir*. A obra de Almada Negreiros — ouçam isto os seus detractores inconscientes — é lógica e tem seqüência. É lógica porque, parecendo desvairada, não foge às leis do pensamento. Possui seqüência porque, sendo divergente no aspecto, está disposta em série que assinala a marcha ascensional para a perfeição das faculdades do artista. Almada Negreiros é actualmente, meus senhores, entre os portugueses, o mais esbelto peregrino da Beleza e da Côr! Sendo, como é, um psicólogo e conhecendo, como conhece, a técnica complicada da pintura, se lhe fôsse possível re-frear as tendências artísticas, coaduná-las tanto quanto possível com o academismo dominante, tornar-se-ia, *verbi gratia*, o pintor retratista da moda. Rios de dinheiro se encaminhariam imediatamente para as suas algibeiras e as tubas da glória soariam então, estridentes, tocadas pelos imbecis indígenas. Mas é que um esteta completo não pode ser nunca um funâmbulo da Arte. Os que, pela linha e pela côr, pretendem (e é êste o caso de Almada Negreiros) traduzir principalmente os sonhos da sua alma, não podem imitar, *fotografar* o que vêem. *S'il leur fallait* — diz Gustave Larroumet — *se résoudre à copier ils ne produiraient pas*. O génio é uma coisa; a habilidade é outra bem diferente. Reproduzir, sôbre tela, um cacho de uvas de maneira a provocar-nos o apetite de as comer, denota — *habilidade*. Dar só pela combinação e pela distribuição das tintas, pelas sinuosidades e pelos recortes do desenho, pela intensidade deslumbradora das côres, pela ostentação de manchas crispantes — sem delinear figuras — a impressão vivaz de uma feminina scena luxuriante — revela *génio*. E isto, que é difícil, tem conseguido sem esforço, naturalmente, Almada Negreiros. Eis porque êle é incompreendido do vulgo e rebaixado pelos pelotiqueiros da crítica.

José Pacheco é, a meu ver, presentemente, o mais talentoso e inspirado architecto português. Está de posse de todos os segredos técnicos da sua arte e possui admiráveis qualidades de observador. A sua imaginação é febril e anormal; a sua cultura estética sólida e considerável. De aí provêm o milagre do equilíbrio perfeito dos seus planos architectónicos. Encarreguem-o de edificar uma casinha modesta — realizará um labor simplesmente correcto. Dêem-lhe a missão de construir o *Panteom Nacional* — produzirá um trabalho imponente e maravilhoso. Não será jamais um artista superior na ideação de acanhadas obras plásticas. Mostrar-se-há um artista pujante, singular, original e forte, sempre que lhe permitam satisfazer a sua visão épica, sempre que lhe seja possível converter em realidades as suas concepções grandiosas. Sem embargo, José Pacheco é, para o público, um ignorado e, para os homens do seu *métier*, um insignificante. Porquê? Provavelmente pela mesma razão porque Claude Perrault, o autor da famosa colunata do Louvre, nunca fez parte da Academia de Architectura — por entender que «o

papel dos teóricos é formular regras e o dos artistas interpretá-las segundo o seu temperamento e o seu talento». Só isto pode explicar o anonimato em que vive José Pacheco, anonimato que é uma das vergonhas da minha geração. Em qualquer país decente o homem que fez o monumental projecto do *Palácio de festas da cidade de Lisboa*, exposto na *Galeria das Artes*, seria espontaneamente consagrado pela gente culta. Aqui não; os consagrados são os autores das ninharias architectónicas que para aí estão de pé e que mereceram a Marcel Dieulafoy estas palavras repletas de justiça: «D'une manière générale, les constructions sont tristes, sans accents ni distinction, et méritent les mêmes critiques que les édifices pseudo-classiques des XVII^e et XVIII^e siècles».

1916—Outubro.

V. F.

O MÊS LITERÁRIO

TEATRO: *SEGUNDAS NÚPCIAS* e a *SOMBRA* por Ramada Curto, edição da Livraria Aillaud

Entre os novos dramaturgos, Ramada Curto é um dos que mais perfeito tem o instinto da vida dramática, transportando à scena se não uma maneira nova de nos revelar a Paixão, o Egoísmo, a Vaidade ou a Ambição, ao menos um processo muito seu de nos dar o homem na verdade corrente das suas aspirações e defecções.

O seu teatro não se impõe pela profundeza ou pela subtileza das moralidades de que os caracteres costumam ser a viva e eloquente demonstração, mas anima-o uma tão nobre sinceridade que, de acto para acto, de scena para scena, os espectadores sentem que um forte interesse, quasi uma ansiedade, os prende à marcha rectilínea de uma acção que a retórica nem de leve perturba no seu ritmo.

Os seus diálogos, escorridos do lirismo espúrio que é o recurso e o refúgio único dos que estão tão longe da verdadeira emoção como os cativos do sol da liberdade, tem a frescura das bôcas que os articulam para sustentarem negativa ou afirmativamente as razões da sua existência ou as hesitações dos seus sentimentos e crenças. Sendo Ramada Curto um orador em quem a eloquência latina gosta de caprichosamente ornar-se de graças e primores, a fim de converter em galantaria a arte de convencer, as suas peças, sob este ponto de vista, são de uma sobriedade tal que, através elas, é muito difícil adivinhar o homem que, colocado em face da turba, com o verbo a reduzir à gostosa escravidão das suas metáforas.

Como explicar esta contradição? É que Ramada-orador e Ramada-dramaturgo, se bem que uma e a mesma pessoa, são dois avatares diferentes de que se socorre o seu engenho e arte para chegarem até à Beleza, como dois peregrinos da mesma religião, demandando o mesmo augusto santuário.

O POVO PORTUGUES por Bento Carqueja, edição da Livraria Lelo & Irmão.

Este livro tem de ler-se vagarosamente, se não quisermos aturdir-nos com o derroche estatístico das suas páginas. O seu autor, que, desde muito novo, se preocupa com problemas económicos, encontra-se hoje na plena posse das

suas faculdades, raciocinando sobre os números com uma facilidade que assombra. Obra tão completa não existe entre nós.

A vida portuguesa, em todos os seus aspectos quantitativos, estuda-a Bento Carqueja lentamente, para melhor lhe compreender as eficiências e deficiências. Raramente se reuniram num volume tantos elementos preparatórios para a solução da nossa crise, tão cheia de dificuldades e enigmas. As suas exposições são claras, documentadas e sintéticas. Bento Carqueja tem o talento de se comedir, não se dispersando em divagações inúteis. Ninguém dirá que êle pretende iludir o leitor com os fogos-fátuos de uma erudição adquirida nos manuais em que os grandes perturbadores da gente simples e crédula colhem os seus argumentos de estrondo. Homem pausado, ponderado, estudioso, escrupuloso, tendo do magistério a precisão dialéctica e do alto jornalismo a curiosidade incansável, *O povo português*, é bem o livro que os seus admiradores há muito esperavam da sua sciência e da sua competência. Os defeitos que nêle se notam são os defeitos do assunto. Além de quantidades, num povo há também qualidades e estas não se propôs Bento Carqueja estudá-las, senão reflexa ou indirectamente.

Portugal é trabalho, economia, riqueza, esforço e fomento. Mas, para além disto, há também crenças, aspirações, desejos, intuições, ideas e sentimentos. Quem se dê ao incómodo de nos estudar, sob o ponto de vista psicológico e moral, escrevendo o livro dos nossos valores ou desvalores qualitativos, cometerá um feito de tanto louvor como o de Bento Carqueja.

O CANTO DA CIGARRA, de Augusto Gil e *AUTO DE JUNHO*, de António Correia de Oliveira.

O Canto da cigarra de Augusto Gil reapareceu com as vestes da segunda edição. Parece que as mulheres não gostaram dêste livro que não foi precisamente escrito para glória delas; todavia leram-no com o proveito que sempre tiram dos livros que as maldizem, tornando-se piores e mais encantadoras.

António Correia de Oliveira, o mestre da elegia da raça, acrescentou a colecção *A Nossa Terra* com mais um admiravel piqueno volume, que António Carneiro ilustrou com o prestígio evocativo do seu lápis — *Auto de Junho*.

A livraria Aillaud continua na sua febre de edições após edições, não deixando passar quasi uma semana sem lançar no mercado uma novidade. Volumes bem apresentados e autores escolhidos. *A História de Portugal* de Herculano levou-a já ao último tomo (I-VIII).

De Ramalho Ortigão deu-nos *As últimas Farpas* e *Pela Terra Alheia*, livros em que se sente uma grande saudade pelo escritor que, em páginas eternamente môças, traduziu o farto optimismo da gente rija que ascende até á alma pela alegria pagã das formas e pelo riso salubre que denuncia a saborosa marcha de uma copiosa e fácil digestão. As sátiras de Ortigão, n' *As últimas Farpas*, não são de molde a garantir-lhe o gôzo tranquilo da sua glória póstuma. *Pela Terra Alheia* são dois volumes de viagens em que o seu autor anota aspectos da vida europeia que os seus patrícios ignoravam, para não

perderem aquela credulidade que, na pátria, os fazia maiores que a sombra do Adamastor.

A *Leonor Teles* de Antero de Figueiredo chegou já à segunda edição que o público brevemente esgotará, porque êste livro é do píqueno número dos que se lêem e relêem com um gôsto que perdurará, tão portugûesmente nêle respira e palpita a certeza da nossa existêcia como povo.

JOAQUIM MANSO.

RECAPITULAÇÃO DA HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA
III—OS SEICENTISTAS—Pôrto, 1916.—IV-688 pág., por Teófilo Braga

(Continuação)

Abundam nêste período culteranesco as Epopeias históricas com fábula, descrições, narrações e episódios, segundo a norma vergiliana.

Na perversão do gôsto houve intenções de anular o poema de Camões, substituindo os *Lusíadas* pela *Ulisseia* do desembargador Gabriel Pereira de Castro.

O conhecimento da vida de Brás Garcia de Mascarenhas e do meio beirão em que foi criado, ilumina o seu poema *Viriato trágico*, revelando-nos como no seu espírito ressurgiu a tradição do Pastor do Hermínio, lutando contra o invasor romano pela independência da Lusitânia, dando-lhe realidade combatendo também o invasor castelhano como chefe da *Companhia dos Leões*, por êle levantada na Beira após a Revolução de 1640.

*

Na transformação das Novelas de Cavalaria em Pastorais, Narrativas *picarescas* e Alegorias morais, compete o primeiro lugar, entre os nossos Seiscentistas, a Francisco Rodrigues Lôbo, com a sua Trilogia: *Primavera*, *Pastor Peregrino* e *Desenganado*.

*

Unificado na Espanha no último quartel do século XVI, Portugal era mais conquistado pelos costumes, pela língua, e pelo teatro, do que pelas leis.

Durante todo o século XVII deliciamo-nos com as Comédias famosas de *capa y espada*, e com a sua fecundidade muitos escritores portugueses enriqueceram o reportório castelhano.

Era justificada a influência do Teatro espanhol, porque êle estava dominado pelas criações imponentes de Lope de Vega, Tirso de Molina, Calderón, Guevara, Moreto, Alarcón, Belmonte, que de vez em quando tratavam assuntos da História portuguesa.

Entre essa grande pléiada figuram com vantagem os nossos poetas João de Matos Fragoso, Jacinto Cordeiro, António Henrique Gomes e Manuel Freire de Andrade, que escreveram as suas peças em castelhano.

Pelo que respeita ao Teatro, há ainda a tentar nas *Tragicomédias dos*

Jesuítas, pelo lugar que ocuparam na educação da mocidade e na obra primorosa, que representa a corrente *vicentina* no século xvii: *O Fidalgo Aprendiz*, de D. Francisco Manuel de Melo.

*

O equívoco artificioso invadiu os púlpitos, onde os prègadores, em uma época sem liberdade política, arrastavam os textos sacros às interpretações alusivas, e às censuras encapotadas ou indirectas aos poderes públicos, como vemos nos *Sermões* do Padre António Vieira.

O Padre Vieira, que é a subtil testemunha do século xvii, despendeu a sua actividade nas estéreis intrigas políticas em que muito prejudicou a combatida autonomia da nação portuguesa.

*

A forma literária da História não escapou à perversão do estilo culteranista, sofrendo a sua concepção do estado mental dos narradores, que foram principalmente frades, escrevendo na apatia da clausura, sob preceito de obediência à ortodoxia, em uma atmosfera de lendas e milagres, que os levava a aceitarem os documentos históricos com consequente apocrifismo.

*

A finalizar o volume dos *Seiscentistas* há um estudo sôbre as *Cartas da Religiosa Portuguesa* — um drama de desditoso amor.

Da Recapitulação da História da Literatura Portuguesa estão publicados três volumes: *Idade Média* (1909), *Renascença* (1914), e *Seiscentistas* (1916).

No primeiro volume, *Idade Média*, Teófilo Braga depois de analisar e discutir o individualismo do tipo lusitano, tradição, língua e nacionalidade, notifica a influência do sul e do norte da França em a nossa evolução literária.

De seguida trata o A. da *Escola Trovadoresca Portuguesa*, examinando largamente os *gêrmens tradicionais*, o *sentimento* e a *morfologia*, que lhe serviu de expressão.

Explicando as correntes do *bretonismo*, versa-se o fenómeno capital da formação do *Amadis de Gaula*, que tão profundamente actuou na literatura novelesca da Europa até o século xvii.

A *Cultura latino-elesiástica* — primeira fase do humanismo — é explanada.

Quando a poesia trovadoresca se extinguia sob as violências sangrentas da Cruzada contra os Albigenses, êsse lirismo ocitânico renascia pelo génio italiano.

A Espanha abraçou muito cedo o lirismo da Itália, na sua fase alegórica; e foi por isso que a poesia daquela nação prevaleceu no século xv sôbre as outras literaturas peninsulares: galega, aragonesa e a de Portugal.

No *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, apesar do seu extremo castelhanismo, aparecem por vezes alegorias amorosas do gôsto aragonês.

É capital esta notificação sôbre o verdadeiro momento da vida moral da sociedade aristocrática portuguesa do século xv.

Tendo o A. recorrido sôbre o contágio social provocado pelas Novelas portuguesas da *Távola Redonda*, *Santo Graal* e *Predomínio da erudição latina*, passa a examinar o desenvolvimento da forma histórica.

É substancioso o capítulo que se refere aos cronistas do século xv, individualidades que em qualquer das Literaturas da Europa teriam fundado a ciência da história, à qual deram todo o relêvo.

A *Renascença*, segundo volume da Recapitulação da Literatura Portuguesa, impõe-se pelos estudos sôbre a cultura greco-romana, infiltração do *castelhanismo* e por restituir à História Cristóvão Falcão.

Quanto a Camões, que Teófilo Braga estudou superiormente na integridade da sua vida e da sua Obra (1907, 1910), resolve-se um problema pela interpretação dos amores com *Belisa* ou *Sibela* e comprovam-se os naufrágios.

A biografia de Damião de Góis é uma reconstituição e uma reparação histórica, levantando-se desta obra mais grandiosa a figura do português *mais europeu* do século xvi.

A *Renascença* é o quadro da maior actividade da nação portuguesa.

Nos *Seiscentistas* demonstra Teófilo Braga que a perversão do gôsto literário na Europa do século xvii resultava do estado geral da mentalidade da época.

As altas individualidades estéticas, que, em Portugal, se destacam no período literário do *Culteranismo*, são primorosamente estudadas, bem como o problema do *Castelhanismo*, cuja dissolução na Europa deu a independência de Portugal (1640).

A *Idade Média*, a *Renascença* e os *Seiscentistas* são levantadas sínteses, em que, à luz das últimas descobertas documentais e investigações, se condensa a marcha evolutiva da nossa Literatura até o século xviii.

MARQUES BRAGA.

OS TEATROS

O primeiro original da época, em palcos lisbonenses de declamação, foi *O condenado*, peça em cinco actos, de Afonso Gaio, representada no Nacional em segunda récita de assinatura. O autor, em cuja bagagem literária já pesam numerosos trabalhos dramáticos demonstrativos de notáveis aptidões e que nos promete novos e variados labores, conseguiu com êste drama rural, de tipos e costumes portugueses, interessar e comover o público para quem as obras de sentimento e paixão, ao gôsto romântico, teem a preferência — depois da revista do ano. Nesta terra, onde não abundam os dramaturgos, Afonso Gaio é, sem dúvida alguma, um escritor teatral que, a despeito de quaisquer indecisões, possui qualidades dignas de aprêço e de incitamento. Nos cinco actos do *Condenado*, breves mas violentos, há duas mortes, uma que ocorre em scena e outra de que se tem notícia; há três homens diversamente amorosos, uma velha enredadeira e sinistra, um sacristão hilariante,

um inocente que se deixa condenar a degrêdo, uma rapariga por cuja causa se desenrola a tragédia e que só tarde reconhece, na grandeza de alma da vítima do êrro judiciário, o motivo que inspirou tamanho sacrifício: um amor desinteressado e puro. Há tudo isto, mas vívido e exposto com arte, fora de processos anacrónicos, rápidamente, quási sêcamente, sem discursos, a não ser o do defensor do imaginário eriminoso no tribunal, e cuja peroração ouvimos declamar; sem longas falas, sem extensos diálogos, sem conceitos profundos, que também a mente do povo os engendra; dialogando as suas personagens com facilidade e clareza, embora a composição da tela rústica viesse a ganhar em colorido e fôrça desde que o travo do plebeísmo campestre imprimisse mais característico sabor ao fraseado. . . . Vincou Afonso Gaió vigorosamente a psicologia das figuras principais, acentuou com subtileza os contrastes, anatomizou os corações daquela gente rude, de modo a ajuizarmos com maior segurança dos sentimentos bons ou maus que os animam? O dramaturgo, que faz obra de síntese e não de análise como o romancista, deixa amiúde ao espectador o cuidado de adivinhar aquilo que cala, como incumbe ao intérprete a melindrosa missão de lhe viver em scena as almas que criou. Tal acontece com *O condenado*, cuja acção, desenvolvendo-se nos arredores de Leiria, permite ver no palco a jaleca e o sapato de salto de prateleira, a saia-mantéu, o chapelinho negro e redondo colocado no alto da cabeça, sôbre o lenço, e uma descamisada nocturna com seus toques, seus descantes e seus ritos — quer dizer um ar de regionalismo que lhe duplica o interêsse e atrai e encanta o público. O tipo cómico do sacristão, scéptico, amigo da pinga, confundindo a própria bôlsa com o saquitel em que recolhe as oblatas dos fiéis aos santos, atravessa o drama como que para nos desoprimir da angústia por êle provocada e, sendo uma simples figura episódica, é das mais flagrantes de verdade e das que com maior carinho o autor encheu de vida real e movimento. . . .

Tracemos, porém, o entreccho de *O condenado*, cuja intensidade dramática talvez possa por êle perscrutar-se. Maria do Rosário (Palmira Tôrres), uma camponesa, noiva de Ricardo (Pato Monis), é apeteçada por António do Souto (Erico Braga), um fidalgote, um filho-morgado como outrora se dizia, que a torna vítima da sua concupiscência brutal, continuando a persegui-la depois da infâmia. O futuro marido, a quem ela se vê forçada a denunciar o perseguidor, arranca-lhe a confissão da desonra. O *Lêndea* (Inácio Peixoto), um camponês desageitado, bondoso e simples, que em silêncio ama também Maria do Rosário, conhece, no entanto, a proeza e resolve punir o infame. Após uma descamisada, o *Lêndea* e Ricardo, movidos pelo mesmo desejo de vingança, esperam António do Souto. Mas o noivo de Maria não consente que o outro tire a desforra da afronta. Surge o morgado na sombra; a tiro de pistola pretende defender-se do rival que o increpa e que o anavalha mortalmente. O *Lêndea*, dum salto, arranca das mãos de Ricardo a arma homicida, incita-o à fuga e deixa-se prender como autor do crime, quando, ouvindo a detonação, os campónios acorrem e o encontram de navalha em punho. O suposto assassino é julgado e condenado. Nem a defesa que lhe obteve Ricardo nem as testemunhas favoráveis abalaram o júri. O verdadeiro criminoso, alanceado pelo remorso, profere, numa dependência do tribunal, palavras que fazem conhecer a Maria do Rosário toda a exactidão da tragédia da noite da

descamisada. Desejaria ela que a inocência do *Lêndea* se proclamasse, mas ninguém a escuta e o pobre segue para o degrêdo serenamente abnegado. Seis anos depois, Maria do Rosário está viúva de Ricardo e com um filhinho. O *Lêndea* regressou de África, doente, e ela, reconhecida, hospeda-o em sua casa. Fôra pôsto em liberdade, porque, falecido Ricardo, revelara em transe de morte as circunstâncias do crime que não cometera. Tudo conta a Maria e diz-lhe como aprendera a ler no degrêdo para soletrar as suas cartas. Mas no povoado murmura-se do acolhimento que a viúva dispensa ao imaginário assassino. A mãe de Ricardo exproba-lhe semelhante atitude e, quando Maria do Rosário, que já compreendera o imenso amor que o *Lêndea* por ela nutre, refere à sogra toda a verdade e frisa a diferença entre a abnegação daquele homem e a maldade do marido que a martirizou, a velha amaldiçoa-a, clama que a criança, que estimou como neto, não é do seu sangue e abandona a triste nora ao único affecto sólido, perseverante, indestrutível que ela suscitou um dia: — o amor do *Lêndea* . . .

Eis o tema, eis a peça que, possivelmente, não satisfará em absoluto o requintado paladar dos *gourmets* da literatura dramática, mas que entenece e delicia o público anónimo que chora com as desventuras do *Lêndea*, ri com as anedotas de Tadeu, estremece de indignação com o cinismo da alcoveta repelente . . . No *Condenado* pune-se o mal e premeia-se o bem — desfêcho antigo mas sempre novo que tem o agrado das plateas alheias a preferências de escolas e que entre estas apenas distingue e préza uma: a que o faz vibrar, chorando ou rindo . . .

O desempenho do *Condenado*, se bem que não correspondesse às exigências do nosso primeiro teatro, foi em geral aceitável. Convêm, todavia, salientar um nome: o de Joaquim Costa, que, no sacristão, patenteia mais uma vez os seus méritos de grande actor naturalista — hoje incontestavelmente o primeiro centro cómico português.

* * *

No Gimnásio estreou-se com o aplauso que, por via de regra, neste teatro despertam as farças e comédias burlescas, que formam o seu habitual repertório, a peça hespanhola *O Inferno*, de António Paso e Joaquin Abati, traduzida por João Soler. Em Espanha, como em Itália, a literatura do género vai tendo distintíssimos cultores que igualam na fantasia, na verve, na arte de provocar o riso mediante os entrecchos e as situações e os ditos cheios de engenhosa graça, os franceses que foram por largos anos mestres inegaláveis. *O Inferno* pode dizer-se a caricatura satírica da vida doméstica desordenada e atormentada pelos caprichos histéricos da mulher que amofina constantemente o equilibrado e longânime marido. Mas a figura principal, a que fixa e domina as atenções, a que ateia as labaredas daquele torturante viver com diabólica fúria, é uma sogra que faz ao esposo o mesmo que a filha faz ao genro, uma sogra cheia de nervos, em que a imaginação e a dissimulação correm parrelhas, grotesca personagem que Maria Matos desempenha com a vivacidade, a intenção, o vigor caricatural que ela requiere, juntando assim à sua vasta e inesgotável galeria mais um soberbo tipo que se não confunde com os outros, apesar do seu próximo parentesco. O Gimnásio, em *O Inferno*, justificou novamente o aprêço que lhe consagra o público a quem interessa e

cativa o teatro alegre, tão harmónica e afinada foi a interpretação da comédia, que a empresa montou com o louvável escrúpulo de sempre.

No Pôrto alcançou êxito idêntico ao de Lisboa a revista do ano *O Dia de Juízo*, de Eduardo Schwalbach, pela companhia da Trindade que ali perdeu, desurpresa, o seu empresário e director Afonso Taveira, morto em plena labuta quando dirigia os últimos ensaios da festejada revista. Outros teatros: No República, a doença de Eduardo Brazão fez retardar a primeira do *Infante de Sagres*, o drama épico, em verso, com que o ilustre poeta Jaime Cortesão se estreia como autor dramático; no Nacional anuncia-se, em terceira récita de assinatura, *O filho perdido (Un fils d'Amérique)*, de Pierre Veber e Marcel Gerbidon; no Éden, *O novo mundo*, revista; na Trindade, *Fava rica*, revista; no Apolo, *Folha corrida*, revista; no Avenida, *Oreizinho*, opereta, não falando nos palcos de terceira ordem onde a revista impera também como senhora e soberana!

AVELINO DE ALMEIDA

ÉMILE VERHAEREN



A morte dêste grande poeta belga deixa de luto as letras europeias. Pela amplitude do seu lirismo, pela magnificência da sua larga visão, pela novidade dos seus ritmos, pela sua compreensão trágica do mundo, ligada a uma ardente fé optimista no Futuro, Émile Verhaeren foi o poeta épico da vida moderna. Nenhum outro se lhe pode comparar, quer pela fôrça e pela veemência da sua inspiração, quer pelo poder verbal de que dispõe e usa com pródiga variedade. A «*Atlantida*» — que no seu próximo número publicará noutro lugar um pequeno estudo sôbre Verhaeren — quer apenas deixar hoje aqui a expressão do seu profundo sentimento de pesar pela morte do poeta prodigioso.

Notícias & Comentários

RECOMEÇANDO O PASSADO

Por nos parecerem do maior interêsse e de permanente actualidade as considerações do ilustre escritor Carlos Malheiro Dias, no artigo que segue, transcrevemo-lo de *O Paiz*, do Rio de Janeiro, com a devida vénia :

No meu regresso do Rio, em 1907, eu espalhara aos quatro ventos de Portugal a noticia do advento dos homens moços ao govêrno do Brasil, com os planos intrépidos das estradas de ferro, do povoamento do solo, das novas culturas. Contara ter visto Miguel Calmon ministro. Carlos Peixoto *leader* da Câmara, revelara a pléiade duas vezes ilustre pelo talento e pela cultura, hoje desfalcada pela perda do genial Euclides, e a designara ao jóven rei portuguez — rodeado de velhos bonzos e de inteligências fossilizadas, — como exemplo a seguir para salvar o regímen da sua sonolência e a nação do seu declínio. Esse missionarismo criara-me perante o meu amigo Diogo fama de conhecer o Brasil de maneira diversa por que o conheciam cinco ou seis milhões de portuguezes, e a essa circunstância devi a confiança ilimitada com que êle me expôs os seus projectos e o interêsse com que escutou os meus conselhos.

Sentádo diante de mim, com a botoeira da casaca florida de uma gardénia, bebendo aos goles o seu whisky e soda e tirando breves fumaças azuis de um *bout-doré* egípcio, Diogo de Meneses falou-me, mais ou menos, assim :

— Você não vai dizer aos transeúntes do Chiado que eu embarco na segunda feira para o Brasil. Mas é positivo que embarco. Você está profundamente admirado?

— Profundamente! — confessei. E a menos que você não tenha obtido...

O meu amigo interrompeu-me :

— Descobri uma colocação histórica. Vou reatar a tarefa interrompida da nossa raça, prosseguir a obra dos bandeirantes. Vou desbravar e povoar o sertão.

Pousei o meu whisky e soda e fitei, atónito, Diogo de Meneses. Ele sabia então o que eram os bandeirantes? Como pudera êle, num solar da Beira, adivinhar, pressentir, designar finalmente a épica função interrompida da raça

progenitora, enalhada no litoral, ameaçada de ser suplantada pela concorrência de outras raças? Que série de considerações o havia conduzido a compreender que ao emigrante português competia continuar a obra iniciada no século XVI?

Ele me explicou que a leitura dos papéis legados por seus avós, os longínquos capitães-mores em Minas Gerais e Maranhão, lhe havia desvendado a ignorada epopeia das bandeiras, o surto épico desse arraial de audazes aventureiros, assente no húmido platô da serra do Cubatão (laboratório e nascedouro da raça) e de onde, como de um reservatório de energia, saíam na monção propícia as expedições heróicas. Esses «*navegadores das florestas virgens*» — como Diogo chama pitorescamente aos bandeirantes, descendentes e continuadores dos navegadores dos mares ignotos, — subindo os rios nas canoas, contornando e transpondo as cachoeiras, devassando as brenhas quasi impenetráveis, lutando com os índios ferozes, com os animais bravios, com as serpentes venenosas, com as moléstias fatais, haviam chegado aos contrafortes dos Andes, violando as disposições da bula pontifícia, conquistando, delimitando o Brasil, descobrindo-o do norte ao sul, do Amazonas ao Prata, e do oriente ao ocidente, da cordilheira ao mar. A pesquisa infrutuosa das minas de prata e das esmeraldas, a descoberta alucinante do ouro no leito do riacho Tripuhy e em seguida a dos jazigos de Ouro Preto e de Mariana, em quasi toda a bacia superior do Rio Doce, nas margens do Rio das Velhas, das minas de Sabará, de Cuyabá e de Goyaz, e, finalmente, o descobrimento dos diamantes em 1727 haviam servido de itinerário à conquista e ao povoamento. Essa obra extraordinária dos Rondons primevos ficara, porém, incompleta. Os povoadores — com excepção daqueles que, desiludidos já de encontrar as pepitas e as palhetas auríferas, se extraviaram e se fixaram nos países das pastagens, inaugurando a agricultura, — só estacionaram nas terras do ouro e dos diamantes, e de aí tinham resultado as imensas soluções de continuidade, que a emigração ininterrupta devia preencher se não se tivesse desviado para a sedentária exploração do litoral, servindo a civilização em vez da natureza: esse litoral onde a acorrentou a inclinação mercantil, difundida na raça pelo sangue fenício, e que, já um século antes, comprometera a perpetuidade do império das Índias, transformando em feitorias as conquistas guerreiras e políticas do Oriente.

.....
— É preciso que me contes a história da tua *bandeira*.

— Sim, é preciso, — êle concordou — porque é preciso que alguém, dos nossos, aponte as terras da promessa aos imigrados; porque é preciso que as colónias portuguesas levantem acampamento do litoral e recomecem a obra de penetração, de infiltração. O Brasil espera isso de nós. É urgente prègar o êxodo para os planaltos. Saír da areia para o húmus. A nossa missão histórica ainda não findou na América. Ainda são precisas as *bandeiras*. Ainda são necessários os Pais Leme! Que fazem vocês, homens que tem uma pena, que é o scetro dos tempos modernos, símbolo da realeza das ideas?

Diogo declamava e gesticulava. Era extraordinariamente comprometedor, naquele elegante cenário assírio. Já alguns olhares nos fuzilavam com ironias. O meu filete de vitela *à la viennoise* esfriava no prato e não podia substituí-lo pelos dez mil bois que pasciam nas longínquas pastagens do meu amigo.

Sem coragem para o interromper, eu ouvia, porém, calado e embaraçado, deixando correr a sua torrente caudalosa de ideas.

— Quanto seria útil que vocês pensassem! A colónia portuguesa lembra-me a fôrça desaproveitada de um Niagará. É preciso condensar e aplicar, no seu máximo de potencial, essa energia. Há sete anos eu pressentia a realidade. Hoje, conheço-a. A grande crise do Brasil é o *deficit* humano: uma nação do tamanho da Europa, com uma população igual à da Espanha, a balouçar cá dentro: uma túnica de gigante para uma criança. É preciso povoar, e que o povoamento se faça do centro para a periferia em tôda a rosa dos ventos, e não apenas da periferia para o centro. Estas tarefas de conquista de natureza — exploração e povoamento — só podem ser levadas a efeito com êxito e segurança pelos representantes ou colaterais de uma raça *nacional*, idêntica à que, resultante do cruzamento prolífero de portugueses e indígenas, se formou em São Paulo e praticou no passado as façanhas das *bandeiras*, e no presente a obra de civilização e de domínio. Não é de uma literatura nacionalista que se precisa, mas, principalmente, de uma política nacionalista, inspirada nas necessidades do país e nunca na estúpida competição dos povos. O Brasil não pode rejeitar a dádiva de todos os sangues, a colaboração de tôdas as raças. Mas é preciso que, por um lado, forcemos e núcleo da raça nativa e absorvente, e por outro lado que se faça circular, do norte ao sul, um pensamento *nacional*, dimanado de uma política *nacional*. Por que se abandonou o projecto da transferência da capital para o planalto central?

Eu encolhi os ombros, não sabendo porque se tinha abandonado, e recomecei, tímidamente, comendo o meu filete de vitela *à la viennoise*.

Certo, aquela ênfase declamatória, onde eu sentia uma candura rústica, era mais apropriada a um *meeting* do que a uma mesa de restaurante, e era pena que Diogo, depois de realizar a sua façanha, não tivesse conservado um artificial scepticismo e o seu comedimento de *gentleman*, embora morando no Éden. Mas eu submetia-me ao império das verdades que êle me comunicava, e tão certo é que êste *bandeirante* reencarnado me emocionou e convenceu, que aqui venho difundir, como um apóstolo, as suas doutrinas e apontar aos portugueses do litoral êste cavaleiro andante dos planaltos, que, ao longe, nos confins de Goyaz, assiste ao crescer da sua prole e das suas manadas, como um bemfeitor da terra hospitaleira e como o espectro redivivo de um passado de fôrça e de glória!

CARLOS MALHEIRO DIAS.

AQUILINO RIBEIRO

A partir do número de hoje, dá-nos o prazer de se encarregar da crítica de arte da «Atlantida» o nosso ilustre colaborador Aquilino Ribeiro, espírito muito culto e de vastos conhecimentos sôbre o assunto.

ALFREDO MESQUITA

Safu o novo livro do nosso eminente colaborador Alfredo de Mesquita, «*A América do Norte*», de que a «*Atlantida*» já tivera a honra de publicar algumas páginas. Livro admirável de observação, de estilo e também de lirismo entusiasta pela grande República, o seu sucesso tem sido enorme. No próximo número a «*Atlantida*» se referirá a êle com a devida e merecida atenção.

«EVA» DE JOÃO DO RIO

No dia da primeira representação da «*Eva*», nova peça de João do Rio, que obteve um extraordinário sucesso no Rio de Janeiro e em S. Paulo, «*A Epoca*», diario fluminense, publicou, assinado por Felício Rios, um belo artigo de que transcrevemos o seguinte excerto :

É dêsse talentoso escritor a comédia em três actos «*Eva*» — que vão os leitores ter o prazer de assistir, hoje, à noite, no teatro Recreio Dramático, onde, — estamos certo — terá o mesmo legítimo e fidalgo acolhimento logrado, o ano passado, em S. Paulo, a cuja fina platéa reservara o autor as primícias dessa «*Eva*», que, como ali, terá aqui a sua «*première*» em récita do distinto actor Sr. Alexandre de Azevedo e «*num dia 13*» . . . Ressaibos supersticiosos das «*Religiões no Rio*»?! . . . «*Dizem*» que o coração governa o homem, mesmo o daqueles que julgam o seu vedado a essas surpresas, como «*dizem*» ser o do jóven académico ; e, se não é «*delícia mentir*», continuam a «*dizer*» que êsse alto espírito, «*ávido pela curiosidade*» e tão «*pouco da quimera amante*» — das Artes adora a de Terpsícore, quer ela se apresente sob a volúpia caprichosa de Salomé, quer interpretando os clássicos em atitudes helénicas, mas sempre respeitando o signo do numero 13 . . .

Em «*Eva*» — embora se ressinta, como em todo o teatro do Sr. Paulo Barreto, do ligeiro abuso da ironia — revela-se outra face do múltiplice temperamento do illustre escritor brasileiro ; tanto que, se não fôra essa conhecida tendência, dir se-ia obra de outro escritor. A forma é suave ; a técnica humana. Apenas uma scena intensa : — a da falsa revelação de Eva a Jorge, no terceiro acto ; todas as demais são encantadoramente humanas, num rodopio de paradoxos e ironias, ou de sentimentalidade emocional afluando de leve a acção, sem nunca a dramatizar além do limite comum da vida real. Comédia da vida real, ali não há um só artificio ; tudo é verdadeiro, existe de facto ; talvez mesmo a própria acção. Não há uma figura imaginada, um tipo criado ; são entes que vivem e se agitam em salões de verdade.

Antítese de *A bela M.^{me} Vargas*, *Eva* é uma comédia ligeira, subtil, suave aqui ; intensa e dolorosa ali ; para mais adiante ser meiga, terna, amorosa ; e tôda ela verdadeiramente, essencialmente humana.

*
* *

A vida é um cimo de duas encostas ; a primeira, íngreme e de precalços inçada, nos leva ao cimo, onde cada qual encontra o prémio a que tenha feito

jus perante a Humanidade, e, tranqüilo e bem vagarosamente, ao pêso dos anos, começa então a descer pela outra encosta até o desaparecimento final no reino da Justiça.

Alguns, por terem vencido rapidamente a primeira, carecem maior demora no alto, porque na outra — da descida — só há a beleza do passado, que aos moços é vedado gozar.

Dêsses, uns, inflando de vaidade, rolam pela encosta abaixo, morrendo em vida, por terem esmagado aquela beleza, sem cujo gôzo ninguém logra acolhimento da justiça; outros, porém, sabem ali se conservar, trabalhando tanto, se não mais ainda, do que durante a subida ingrata e áspera, confiantes na justiça emanante dos factos, que pode demorar, mas não falha... nunca!

O Sr. Paulo Barreto é um destes; não há ataque, violência, diatribe que o faça esmorecer no labor insano, útil e profícuo; no alto, onde está e sabe conservar-se, não há lisonja que o perturbe, nem doestos que lhe entibiem o ânimo. Sabendo ser amigo, nunca teve *côteries*; não raro é encontrado a passear sózinho. Nunca, nem mesmo nos altos postos a que tem ascendido na sua brilhante carreira, utilizou sua pena para retaliações pessoais, para denegrir reputações, para satisfazer ambições inconfessáveis.

Às vezes, ela mergulha na *blague*; mas é *blague* inofensiva e risonha que brinca sem ferir, que ri sem ridicularizar; nunca a *blague* mordaz e soez dos incapazes e impotentes de algo produzir de real e proveitoso. Nunca maldiz do amigo ingrato, ou agride o inimigo gratuito, é como se eles não existissem; quando muito, ligeiró, a correr, deixa escapar uma dessas pequeninas frases de que, na língua luso-brasileira, só êle e Júlio Dantas possuem o segredo; as deste mais sentimentais, as dêle mais concisas.

É um brasileiro de que podem ter orgulho as gerações que já se foram, vendo sua trilha cultivada com trabalho e fulgor; as gerações que veem vindo, tendo diante de si um exemplo tonificante do quanto pode a vontade, quando bem orientada e disciplinada; e a geração que a seu lado caminha, porque só dá um expoente dêsse quilate uma geração de capazes e dignos.

Fixar a figura de João do Rio é cometimento demasiado elevado; aqui, apenas tentamos esboçar traços ligeiros de Paulo Barreto — homem de teatro —, no intuito único de lhe prestarmos singela homenagem no dia em que o distinto autor nos apresenta mais uma bela peça, numa demonstração palpitante de que um país, que tem escritores tais e de tão incontestáveis merecimentos, tem o direito de pretender, se não o de exigir, o seu «teatro nacional».

**AGENCIA NO SUL DO BRASIL
BRAZ LAURIA**

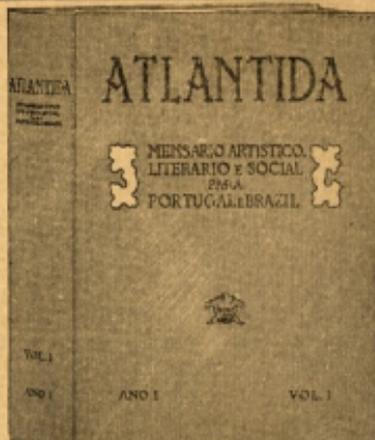
Rua Gonçalves Dias, 78

RIO DE JANEIRO

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Um ano (12 números).....	12\$000
Semestre.....	7\$000

Número avulso 1\$500



Encadernações e Capas

(ESTÃO PUBLICADOS OS VOLUMES I-II e III)

Cada capa	\$30
Pelo correio	\$52
Cada encadernação.	\$50
Pelo correio	\$56

Cada Volume encadernado.	1550
Pelo correio.	1556

PEDIDOS À ADMINISTRAÇÃO:

**Largo Conde Barão, 49
LISBOA
e Rua Gonçalves Dias, 78
RIO DE JANEIRO**

NOTA:— A fim de evitar as despesas de cobrança, lembramos a conveniência de fazer acompanhar os pedidos de capas ou encadernações da respectiva importância.

SUMÁRIO DO NÚMERO 13

Atlantida

15 de Novembro

<i>O Catolicismo no Brasil</i>	Antonio Tórres
<i>Russa de má' pélo</i>	Teixeira de Queiroz
<i>Terra desconhecida</i>	Flexa Ribeiro
<i>O «Perigo americano»</i>	José de Campos Pereira
<i>As Universidades</i>	J. M. de Queiroz Velloso

REVISTA DO MÊS

<i>Afirmções da consciência nacional</i>	Jaime Cortesão
<i>O mês literário</i>	Elísio de Campos
<i>Os Teatros</i>	Marques Braga
<i>Economia & Finanças</i>	Avelino de Almeida
	X.

NOTÍCIAS & COMENTÁRIOS

Reproduções de Condeixa e Antonio Carneiro.
Desenhos de Raul Lino e Santos Silva.

CAXAMBÚ

A SOBERANA DAS AGUAS DE MESA

